

revista

# Desafios

ANO V - Nº 19 - 23 DE JUNHO DE 2017  
ISSN 2238-1414

**A natureza em três momentos**





Agapanthus  
foto Christina

# Editorial

Nesta edição de junho de 2017, a Revista Barbante apresenta algumas imagens que visam lembrar que o dia 5 do mês de junho é dedicado ao meio ambiente e à conscientização das pessoas acerca da importância de cuidarmos do maior de nossos bens aqui no planeta: a exuberante natureza que possuímos!

Também para ilustrar essa questão, Christina Ramalho reflete sobre a visão que a poeta romântica Narcisa Amália de Campos (1852-1924) tinha da natureza brasileira. Vivendo em um momento de transição estética, é curioso observar como a escritora fez uso das novidades mais realistas em sua poesia.

Compõem este número cinco artigos de mestrandos/as do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana, que propõem sequências didáticas a serem trabalhadas por professores do Ensino Básico que desejem valorizar a presença da Literatura nas salas de aula. Outro, artigo, desta vez de Isadora Pelosi, analisa a presença da figura dos cangaceiros e, em especial, de Lampião, no filme *Baile perfumado* (1996), de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. Complementando esta seção o artigo de Sírlia Lima e Ana Cristina que tem como título “As janelas traumáticas acionando gatilhos das emoções na infância”.

Ensaio da professora Rita Samuel Bezerra intitulado “Reflexão no entorno de uma liberdade de pensamento”.

Cordéis de Sírlia Lima que fala sobre o sociólogo Zygmunt Bauman e Rosa Regis que trata a questão do meio ambiente.

Poemas de Gilvânia Machado, Rosângela Trajano, Carla Sofia, Ailezz, Ilda Rezende, Alzenir Araujo, Clécia Santos, Cleide Paiva, Eliete Marry, Fátima Alves, Fátima Gonçalves, Fatuca Silva, Flávia Arruda e José de Castro dão o toque lírico à edição, enquanto o conto de Ellen Oliveira e a crônica de Ítalo de Melo Ramalho completam a expressão literária inserida neste número.

Desejamos boa leitura a todos!

Christina Ramalho  
Rosângela Trajano  
Editoras





Lagoa sergipana  
foto Christina Ramalho

# Artigos



# Leitura de poemas como prática significativa para o aluno

Alexandra Oliveira Monteiro

Walneyde de Santana Lima

## INTRODUÇÃO

Ler traduz-se numa experiência única exigindo o estabelecimento de uma relação de prazer, implicando treino, esforço e também interesse. Lendo poemas, nosso jovem aluno vai recriando o mundo por meio da imaginação e esse contato é essencial para boa formação, pois ajuda no desenvolvimento da sensibilidade, da personalidade, evoca sentimentos, faz refletir. Na verdade, a leitura de textos poéticos é capaz de despertar leitores de qualquer faixa-etária. Muitos professores trabalham com esse gênero em sala porque é muito atrativo, já que apresenta ritmo e musicalidade.

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua (PCNs,1998, p.26)

A poesia encanta, inspira, tem a capacidade de despertar emoções. Muitas vezes, os alunos já chegam à escola com conhecimentos da linguagem poética: cantigas de roda, acalentos, trava-línguas, parlendas, adivinhas etc. E a maneira como a escola fará uso dessa abordagem será determinante no processo de formação do leitor e de sua experiência com o texto poético.

O professor não tem que apenas estimular a ler, é preciso que seja um ato e exercício crítico. Apresentamos aqui uma sequência didática que pode ajudar muitos professores a se engajarem nesta atividade tão importante, pois a literatura também cumpre o papel de educar. Tomamos como referencial teórico para a elaboração da sequência o autor Cosson. Também nos fundamentamos nas teorias de Antunes, Bagno e Lajolo. Tivemos como foco o poema “Samba em Prelúdio”, de Vinícius de Moraes e Baden Powell. Com a leitura deste poema, o aluno será incentivado a ler outras obras de Vinícius, pois seus temas aproximam-se de qualquer faixa etária, como o amor, por exemplo. Foi um poeta que marcou a literatura e a música e até hoje é lembrado.

Enfatizamos, no presente artigo, a necessidade de se criar o hábito da leitura de textos poéticos, fazendo uma análise linguística e também de seu conteúdo, sua essência. Importante salientar que o objetivo não é transformar os alunos em grandes poetas, até porque não se fazem poetas. Queremos apenas estimular a ler e escrever poemas para que sejam aptos a interpretar e compreender o que o poeta quis transmitir através dos versos. O presente estudo está organizado em partes. Na primeira, encontra-se a fundamentação teórica trazendo os estudos em que nos baseamos para compor este trabalho. A seguir, apresentamos uma sequência didática composta por sete aulas como sugestão de atividades que acreditamos enriquecer o cotidiano das aulas de Língua Portuguesa.

Familiarizar os alunos com esse gênero deve ser feito com planejamento a longo prazo para evitar que eles continuem afirmando que ler poemas e retirar a poesia deles é difícil. A leitura de textos poéticos tem algumas peculiaridades, portanto, requer mais cuidado. Ela deve ser compartilhada, não só na escola, mas



também em casa, no trabalho, para nossos momentos de lazer.

... devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. ( COSSON, 2014, p. 23)

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muitos são os debates com relação à importância da leitura no ambiente escolar. Nós, professores, sabemos que ao incentivarmos o hábito de ler em sala de aula, estamos transformando pouco a pouco a realidade dos nossos alunos, pois entendemos a leitura como libertação e autonomia do pensamento.

Segundo Antunes “Em primeiro lugar, a leitura deve preencher os objetivos prioritários da escola porque nos permite o acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação de nossos repertórios de informação.” (ANTUNES, 2009, p. 193)

Porém, um dos grandes entraves no processo de ensino – aprendizagem é justamente despertar no aluno o hábito de ler. Sabemos qual tamanha é a importância da leitura, pois com ela teremos conquistas relevantes na área da educação. Então, vários projetos, no ambiente escolar, devem voltar-se para este fim. Para Bordini e Aguiar,

Se os métodos de ensino como ficaram comprovados, encerram pouca margem para a imaginação e a criatividade e não acolhem práticas familiares ou desafiadoras aos alunos, é possível deduzir-se que o problema reside mais nesses métodos do que na bagagem cultural prévia daqueles que frequentam a escola (BORDINI e AGUIAR, 1988, p.33).

Ler é um ato que ampliará nosso desenvolvimento pessoal e profissional e que por isso deve realmente ter na escola espaço privilegiado, seja em projetos, seja no cotidiano das aulas ministradas por todos os professores. Entretanto, a propagação do prazer da leitura não deve ser responsabilidade somente do professor de língua portuguesa e sim, de todos aqueles que fazem a área da educação. A leitura amplia o poder de argumentação e o vocabulário de nossos alunos e aprimora a escrita. Preocupar-se com a leitura é querer formar cidadãos críticos e transformadores da própria realidade.

É inegável o papel do educador na formação de leitores críticos. O aluno que não tem na família seu ponto de partida para o despertar do hábito de ler precisa do professor para que essa vontade seja ativada. O docente precisa, antes de tudo, passar para a sua sala o seu gosto pela leitura, seu prazer com os livros e seu encantamento com as histórias. Cabe ao educador preparar aulas em que priorize a leitura e que esta faça parte de atividades dinâmicas e variadas com diferentes gêneros.

Extrapolar a decodificação é fundamental, por isso a importância de se trabalhar diferentes gêneros. Além do mais, o estudante precisa ver sentido no que ler, e, portanto, a leitura de obras atuais também é primordial, pois elas terão um maior significado para o aluno, já que tratam de algo de seu tempo com uma linguagem também mais acessível. A atualidade das obras gerará no discente um interesse maior. Mas vale lembrar que trabalhar o letramento literário na escola é trabalhar sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não.



Cosson sugere ao professor três critérios seguir para que seu planejamento contribua para o estímulo da leitura:

Em síntese, o que se propõe aqui é combinar três critérios de seleção de textos, fazendo-os agir de forma simultânea no letramento literário. Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares. (COSSON,2014, p.36).

Assim, a importante função da leitura que é promover a comunicação entre o indivíduo e sua comunidade, por possibilitar a construção do seu conhecimento sobre a cultura e sociedade em que vive, deve ser efetivamente trabalhada na escola. Lá há um espaço de troca e compartilhamento de leituras.

A literatura com seus infinitos e fascinantes personagens pode ser o ponto de partida para a transformação de nossas aulas. Várias são as indagações trazidas pelo mundo literário e o aluno. O estudante pode, através da leitura de textos literários, desenvolver uma atitude crítica sobre tudo que o cerca. Para tanto, devemos incutir em nossos alunos a fascinação pela literatura. Eles precisam saber que pode ser algo prazeroso, de fácil acesso e útil. De acordo com Antunes,

Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza. Leitura que deve acontecer simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Pelo prazer da apreciação, e mais nada. Para entrar no mistério, na transcendência, em mundos de ficção, em cenários de outras imagens, criadas pela polivalência de sentido das palavras. (ANTUNES, 2009, p. 200)

Entretanto, o que conhecemos das aulas de literatura é o cansaço. São aulas, muitas vezes, limitadas a características das escolas literárias, nomes de autores e trechos de obras que aparecem no livro didático. Das quatro ou cinco aulas dedicadas à língua portuguesa só uma é separada para literatura, pois a sua importância é desconsiderada por muitos. A ênfase fica para as aulas de língua portuguesa que são entendidas como ensino das regras gramaticais.

Precisamos aprender e repassar o real sentido das aulas de literatura pois a construção social que fazemos com ela traz ganhos para sociedade como um todo. De acordo com as ideias de Bordini e Aguiar,

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura da conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. (BORDINI e AGUIAR, 1988, p.13).

Se a importância ainda está na correção de erros gramaticais, a leitura que é peça chave para a escrita é também tolhida. O aluno lê, desenvolve a escrita e encontra barreiras que o fazem não gostar de ler, não gostar de escrever, pois o texto é devolvido ao estudante cheio de marcas de correção que se limitam à ortografia, concordância, ou seja, à correção da língua portuguesa como se só a variedade padrão fosse a única correta.

Estimular o aluno a aprender a língua portuguesa padrão é muito importante, pois ele usará em muitas situações, porém, ela não é a melhor nem a mais correta. Assim, o professor não deve esquecer a sua



sensibilidade literária na hora da correção das produções de seus alunos. Uma produção não pode deixar de ser perfeita porque contém erros referentes a regras gramaticais. Segundo Marcos Bagno,

Um dos significados do verbo errar é “perambular, ir de lado para o outro, vagar sem destino”- exatamente o oposto do que tradicionalmente se entende por “erro”! Os falantes que aparentemente “desrespeitam” as regras da gramática normativa não usam a língua de modo “vago” “impreciso”, “sem destino”: muito pelo contrário, eles obedecem sempre às regras de sua gramática, de modo mais rigoroso até do que os falantes escolarizados... Quando se fala em “erro”, a impressão que fica é a de que a pessoa “erra” por preguiça ou por falta de inteligência, como se ela escolhesse errar, como se ela soubesse o “certo”, mas, por teimosia ou ignorância, insistisse em falar “errado”. Não é nada disso! Essa é uma visão extremamente preconceituosa e desinformada dos fenômenos da linguagem. (BAGNO, 2006, p.27)

Então, a correção do texto deve ir muito além das simples regras gramaticais. O aluno deve ter prazer em ler e escrever. Deve ver sentido no que faz, por isso a presença da literatura na escola é tão importante. Uma boa literatura dará sustentabilidade aos nossos alunos, já que através dela, irão criticar, ampliar e transformar as ideias que já possuem da realidade, da sociedade.

Ressalta-se, então, mais uma vez, a tamanha importância do professor, pois infelizmente nossas escolas estão cheias de docentes que não possuem o hábito de ler e tentam transmitir o estímulo à leitura. O professor deve ser leitor, deve ter a literatura como uma possibilidade de transformação social, deve ter certeza de que por meio dela ajudará seus alunos a serem responsáveis e atuantes na sociedade.

[...] É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2014, p.30)

Entrar em mundos possíveis que a literatura nos oferece é fundamental no mundo escolar e também fora dele. Começar a ler poemas na escola é importante para que o aluno comece a se familiarizar com esse gênero e se sinta motivado a continuar lendo em quaisquer ambientes em que esteja inserido, já que é um gênero que brinca com as palavras e seus sentidos. Temos, muitas vezes, alunos com talentos para produção poética e não são descobertos ao longo de sua vida escolar. Segundo Lajolo,

Na medida em que os elementos de que se constitui a especificidade do poema estão na linguagem e na medida em que a linguagem é uma construção da cultura, para que ocorra a interação entre o leitor e o texto, e para que essa interação constitua o que se costuma considerar uma experiência poética, é preciso que o leitor tenha possibilidade de percepção e reconhecimento – mesmo que inconscientes – dos elementos de linguagem que o texto manipula. (LAJOLO,1993,p.45)

O papel do professor, nesse sentido, sobressai mais uma vez, pois ele pode influenciar positivamente ou não. Para que se obtenha êxito em sua tarefa em estimular a leitura literária, o docente tem que ser antes de tudo um entusiasta da leitura poética, já que é contraditório solicitar aquilo que não se pratica. Talvez, por isso, alguns professores apresentem resistência em trabalhar a leitura de poemas em sala de aula

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Para a produção deste material, usamos como referência a sequência didática de Cosson exposta no Livro “*Letramento literário: teoria e prática*. (2014)

O poema escolhido para a elaboração da atividade é “Samba em Prelúdio” de Vinícius de Moraes, em parceria com Baden Powell, para uma turma de 8º ano do ensino fundamental. Esse poema foi escolhido por tratar de uma temática que se refere ao amor já que é um sentimento universal e deve ser compartilhado.

Ponto chave para iniciar um debate sobre a anulação a que muitas pessoas se submetem por estarem amando, o poema traz, em muitos versos, esse sentimento de só estar bem na presença do ser amado. Versos como “Eu sem você / Não tenho porquê ( 1º e 2º versos) demonstram a negação da própria existência em detrimento da amada. É um debate rico, pois é na pré-adolescência que o primeiro amor costuma acontecer, e usar do diálogo para falar sobre esse tema é uma maneira de nós, adultos, estarmos mais próximos de nossos jovens, já que estamos tratando de um assunto constante no meio deles.

Segundo Cosson, a primeira etapa deve ser a motivação, pois é com ela que preparamos o aluno para entrar no texto. Uma boa motivação garantirá o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra. Referindo-se ao poema trabalhado, sugerimos que, na primeira aula, seja executada a música “Anjo” de Saulo Fernandes. Esse cantor e compositor é muito conhecido por essa geração pré-adolescente. Com o vídeo dessa música, deve-se chamar atenção para a declamação que o cantor inicialmente faz antes de cantar a música propriamente dita. Também pode ser usado como início de um debate sobre o que é o amor, suas várias manifestações, como podemos demonstrá-lo e se é melhor demonstrado em gestos ou palavras. É importante ressaltar que não se deve despender tanto tempo para essa atividade de motivação, por isso não foi trabalhada uma produção escrita, ficando todo o debate na explanação oral.

A introdução é a segunda etapa da sequência que para Cosson refere-se à apresentação do autor e da obra. Ao término da aula dedicada à motivação, sugerimos solicitar que os alunos pesquisem sobre a vida e obra de Vinícius de Moraes. O início desta segunda aula poderá ser com o debate sobre as pesquisas feitas. Sugerimos perguntar se os alunos já conhecem Vinícius de Moraes e se têm conhecimento de que a famosa obra “A Casa” é de autoria desse ilustríssimo poeta. Outras músicas também conhecidas devem ser colocadas: “Eu sei que vou te amar” e “Garota de Ipanema. Em seguida, pode-se questionar o porquê de Vinícius ser chamado de “o Poetinha.” Não se deve esquecer a justificativa para a classe da escolha desse poeta e dessa obra. Pode ser explicado que o objetivo é tratar de questões universais do homem e o amor enfatizado por Vinícius de Moraes em vários de seus poemas é um tema universal. Pode ser contada também a divertida história da composição de “Samba em Prelúdio.” Organizando a introdução dessa maneira, evita-se uma longa exposição sobre a vida do escritor. Segundo Cosson, é suficiente que na introdução se forneçam informações básicas sobre o autor e se possível ligadas ao texto trabalhado. É de grande importância lembrar das palavras de Cosson com relação à introdução:

Por fim, é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva. Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são as características de uma boa introdução. (COSSON,2014,p.61).

A terceira etapa é a leitura do texto. De acordo com Cosson, o aluno não deve ser vigiado para que o professor saiba se ele está lendo ou não o texto. Esse processo de leitura é um acompanhamento que tem como objetivo auxiliar o docente em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura.

Como o gênero poema é um texto curto, toda leitura pode ser realizada em sala de aula. Na terceira aula,



a primeira leitura deve ser a silenciosa e em seguida a oral. Com esta, podem ser trabalhadas características individuais do poema como a sua estrutura, pausas, ritmo, rima, entonação, entre outras. Nessa etapa, além do poema ser declamado pelo professor, sugerimos apresentar à turma o poema musicado. O vídeo com a apresentação do poema cantado na voz de Toquinho é uma ótima sugestão.

A atividade de interpretação do texto é a quarta etapa da atividade. Para Cosson, dois momentos devem ser considerados nessa parte: um interior e outro exterior. No trabalho com o poema “Samba em Prelúdio”, a interpretação íntima pode partir dos versos “Sou chama sem luz/ jardim sem luar/ luar sem amor/ amor sem se dar” para que os alunos sejam motivados à construção de sentidos. Esta maneira de trabalhar o poema pode ser a quarta aula.

O momento externo consiste na concretização, materialização da interpretação como um ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É nessa parte que a leitura literária feita fora da escola se distingue do letramento literário organizado dentro dela. Sugerimos nessa etapa a música “Velha infância” de composição de Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Davi Moraes e Marisa Monte, pois trata da temática do poema, abrangendo o sentimento para além dos amantes, já que a música foi composta em homenagem ao filho de Marisa Monte, na época gestante.

A proposta, dentro da atividade de interpretação externa, é a produção de poemas que enfatizem o amor numa dimensão que englobe as várias manifestações desse sentimento. Essa etapa de produção refere-se à quinta aula. Como forma de incentivar ainda mais a leitura e produção de poemas, sugerimos que os poemas produzidos sejam expostos por toda a escola. Em uma atividade extraclasse, sugerimos que os poemas sejam declamados pelos seus respectivos autores.

Sugerimos, na sexta aula, a apresentação do poema “Amor é um fogo que arde sem se ver” de Luís Vaz de Camões. A intenção é mostrar o tema “amor” em um poema canônico, já que a importância do cânone como herança cultural também precisa ser trabalhada em sala. Para enriquecer o momento, pode-se falar do quanto Camões foi importante para a humanidade como também trabalhar toda a interpretação do poema sugerido. A música “Monte Castelo” de Legião Urbana é uma boa pedida para a ocasião.

A sétima aula poderá ser o momento em que sejam feitas as leituras dos poemas construídos pelos alunos. Muitos podem declamar suas obras e em seguida poderá haver comentários a respeito dos poemas

A exposição para a comunidade escolar poderá ocorrer em um momento acordado com a direção da escola, pois precisa-se de mais tempo e da visita de outras turmas. Sugerimos expor as pesquisas sobre vida e obra de Vinícius de Moraes como também os poemas produzidos pelos alunos. A música sugerida para este momento é “Fico Assim Sem Você” de Cacá Moraes e Abdullah. Temos essa canção na voz de Claudinho e Buchecha como também de Adriana Calcanhoto. É uma música que trata justamente do tema abordado em sala. Aproveitamos a oportunidade para fazermos o momento de autógrafa

Ao pensarmos essa sugestão de sequência didática, queremos incentivar o hábito de ler textos poéticos como um início para entrada ao mundo da literatura, conscientizando-se da sua função de educar, como também observando a ampla possibilidade de interpretações em textos literários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É relevante que a escola propicie ao aluno momentos de contato com os textos poéticos, pois eles sensibilizam os discentes e os tornam leitores reflexivos ante um mundo conturbado em que vivemos. A função da escola não é formar poetas e sim tornar os alunos sensíveis à recepção de poemas. Cabe, então, aos professores traçar metas e objetivos a serem alcançados no ensino. Didáticas criativas se fazem necessárias para que o aluno se sinta motivado a participar intensamente do ato da leitura em qualquer gênero.

Apresentamos aqui uma sequência didática em que se privilegiou um estudo mais voltado ao conteúdo do poema, deixando para segundo plano a sua estrutura, levando o aluno a refletir mais sobre questões com as quais eles convivem e talvez até procurem respostas para as mesmas. Muitas vezes, quando se aplica o estudo de poemas em sala de aula, há uma abordagem exaustiva com ênfase em elementos gramaticais (morfologia, sintaxe...) ainda usada por tradicionais professores. Mas é importante deixar claro que não se trata de uma crítica em que se deve deixar de lado tais aspectos, o problema é trabalhar somente com questões de gramática.

Há uma necessidade dos professores passarem a olhar o trabalho com textos poéticos de outra forma e perceberem a importância do mesmo. É evidente o desenvolvimento da capacidade linguística do discente, pois as poesias trazem uma linguagem que abre possibilidades de interpretação, linguagem conotativa, tornando o educando mais sensível quanto à compreensão do mundo e de si próprio.

O discente precisa ter uma visão ampla de que ler e compreender poemas não se limita apenas a rimas e versos. É preciso que se perceba o poder que tais textos têm em formar e transformar a sociedade e o papel do professor, nesse sentido, é importantíssimo, pois temos visto que, de um modo geral, o estudo com o gênero poema não tem tido destaque nas aulas de Língua portuguesa.

Em um cenário cheio de outros atrativos tecnológicos como o de hoje, não basta apenas oferecer livros aos discentes em quantidade, ou determinar quais leituras eles farão. Eles precisam perceber que ler é fundamental para a vida.

Neste artigo, sugerimos possibilidades metodológicas para o professor em seu efetivo exercício docente. O educador pode utilizar essa sequência na íntegra ou associá-la a outras propostas, tudo dependerá de sua criatividade e interesse da turma.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa**. Brasília, 1998

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.



## 1. INTRODUÇÃO

A fluência na leitura se dá no momento em que o letramento é relevante no processo de aquisição da linguagem, que não apenas decifra o código escrito, como também constrói o pensamento crítico próprio que se estabelece na prática social. A leitura também deve ser uma fonte de prazer, nunca uma atividade de contrariedade permeada de coações e castigos, apreciada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é necessário deleite, interesse motivado pela curiosidade e avidez pelo aprendizado.

A leitura é uma prática presente em quase todos os momentos de nossas vidas, embora, muitas vezes, não nos apercebemos desta realidade. Menos ainda percebemos que os diversos aspectos e estratégias concernentes a essa prática social nos permite decifrar a diferença entre a realidade e o ficcional e interpretar o sentido das coisas que nos rodeiam. Em função disso, ela pode ser considerada tanto uma atividade cognitiva muito complexa, que requer a ação de muitas habilidades interdependentes para que seja efetivada com sucesso, quanto uma prática interativa bastante útil e indispensável para o convívio em sociedade.

Em outros termos, ao praticarmos a leitura, com suas estratégias diversificadas, além de adquirirmos mais conhecimentos e cultura, podemos dispor de um fantástico instrumento propulsor para a convivência do homem através de ações interativas bastante complexas. Concebida desta maneira, a atividade de leitura não corresponde apenas a uma mera decodificação de signos/símbolos, mas significa uma rica atividade de interpretação/compreensão do que se lê, permitindo aos seres humanos a capacidade de interagir com o outro por meio de palavras, as quais estão sempre inseridas em um determinado contexto. Portanto, para atingirmos o protótipo desse leitor, é preciso formar esse sujeito de modo proficiente, autônomo, com capacidade para entender com precisão, criticismo e objetividade as escritas que lê.

Destarte, quando inferimos a questão da leitura literária, esta se torna a porta principal que desperta o conhecimento, o raciocínio e a interpretação. É através dos textos literários que adentramos na quimera do romantismo ou na concretude do realismo. É na literatura que despertamos a imaginação, adentramos em mundos inóspitos de personagens verossímeis, outrora desconhecidos pelos homens. É através da leitura desses textos que ativamos o lúdico adormecido, as imagens não imaginadas e o retrato emoldurado da criação divina. A língua e a linguagem na literatura são dicotomias extremamente relevantes no processo

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) - Unidade Itabaiana/SE.

de compreensão da capacidade leitura do discente. Nesse âmbito, a linguagem como forma ou processo de interação é a concepção mais aceita na modernidade. Homologa-se que o falante ao usar uma linguagem literária, não apenas exterioriza pensamentos ou transmite informações a outro falante, mas sim realiza ações, age, atua sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). Sendo assim, essa linguagem, inerentemente artística é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa. Ela produz efeitos de sentido entre os interlocutores, numa dada situação de comunicação e num contexto sócio-histórico, seja ele lúdico ou pragmático.

Ainda referente à leitura, **há inúmeros discursos que explicam as práticas efetivas desta e do modo de como a percebemos no mundo. Isso quer dizer que as representações da leitura não são apenas descrições, retratos ou tipologias neutras, com sua dupla conotação psicológica e teatral. A leitura literária desperta o inimaginável através de sua magia peculiar. A leitura imputa ao leitor, seu aroma envolvente, que através da osmose da melodia de suas palavras, avassala sua presa, que é tão somente o ínfimo leitor despojado das vestes do preconceito e da ignorância. A leitura projeta no leitor as mais incríveis interpretações e julgamentos das antíteses da vida, como o feio e o belo. Não podemos deixar de nos vislumbrar com sua diegese, com a riqueza de recursos pictóricos, das metáforas que conotam sua beleza misteriosa, suas parábolas que alegorizam os sentidos e a sinestesia que inebria a razão.**

É através da leitura e, em particular, da leitura de textos literários, que nos é dada a possibilidade de, por meio do mundo transfigurado em arte, que é a obra literária, compreender melhor o mundo em que vivemos, o outro e a nós mesmos. A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. Nesse sentido, leitor é aquele que diante da plurissignificação de um texto, adentra na tarefa do deciframento dos sentidos organizados, por meio de um delimitado corpo esquemático oferecido pela obra.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os romances, as crônicas, a literatura, no geral, é suscetível de comprovar a forma melíflua da leitura em todo seu aspecto físico, emocional e psicológico. Conquanto é que seria relevante fomentar a leitura literária, pois somente com um olhar sensível sobre a representação é que poderemos desvendar a compreensão de muitas leituras. Muitos passíveis leitores possuem inúmeros livros e textos em casa, mas não se aventuram no descobrimento dos textos literários e de inúmeros gêneros, pelo simples fato de não terem o costume de praticar o prazeroso ato da leitura, porém, também há os leitores que apreciam tanto a leitura que criam



uma representação do imaginário, como um retrato da fantasia. As crônicas e romances comentados sempre engrandecem o livro, conferindo-lhe demarcada relevância e transformando-o em fetiche. Mencionado fato percebemos com a personagem do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, quando descobre que sua colega de classe possui o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (LISPECTOR, 1998, p.16).

Para a personagem, ter acesso a esse livro era algo tão inimaginável e incrível que ela adiava o momento de ler; mais do que isso: finge não ter o livro em casa só para reproduzir o prazer de encontrá-lo e deliciar-se com sua presença. Aqui, ler é menos importante do que possuir o livro, poder tocá-lo, senti-lo: “Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito” (ibidem, p. 18).

Nesse contexto, Soares (2001) assevera acerca da questão da escolarização da leitura literária, apresentando duas possibilidades de abordagem: a primeira consiste na apropriação da literatura infantil pela escola, na medida em que a utiliza para atingir seus objetivos, escolarizando-a; a segunda relaciona-se à literatura infantil como produção destinada à escola, numa tentativa de dar à escolarização um cunho literário. Como a leitura do texto literário, não só infantil, constitui-se num processo desenvolvido na escola, não há como evitar que esse conhecimento se escolarize. A discussão pertinente é a modalidade como as ações referentes a esse ensino possam se processar de maneira adequada e eficiente.

Hoje, as pessoas vivenciam a forma célere com que é concebida a tecnologia, nesse âmbito, a velocidade da tecnologia fomentada pela rapidez do imagético resplandece e demarca as discussões do real lugar da literatura nessa conjuntura. Destarte, a leitura do texto literário incita ao ócio – prática mais comum estimulada e vivenciada no contexto dos antigos gregos – que se torna mais escasso e impossível numa sociedade demasiadamente capitalista.

Ainda nesse contexto, com a tecnologia cotidianamente mais crescente em nossa sociedade, percebemos uma dicotomia maniqueísta (livros com seus textos literários versus tablets ou smartphones com seus conteúdos suprimidos e tendenciosos) em que a leitura ficou célere num ambiente inconstante de imagens, vídeos e áudios “econômicos”. Somando-se a isso, a racionalidade e o conhecimento alcançam sua plenitude como nunca outrora se esperou atingir, conquanto tal fato é paradoxalmente contraditório ao constatarmos a depreciação moral e o nível de barbaridade ao qual vivem as sociedades. Nessa mesma ideia discorre Cândido (2011),

Todos sabemos que nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização. Penso que o movimento pelos direitos humanos se entronca aí, pois a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que

geram a injustiça contra a qual lutam os homens de boa vontade à busca, não mais do estado ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas do máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da história. (p. 172)

A sensibilidade de um texto literário foi usurpada por um suporte físico que complementa quase todas as necessidades humanas. Mediante o exposto, a sociedade atual foi capaz de alcançar o nível mais profundo de conhecimento e de racionalidade já conquistado pelo ser humano, o que muitas vezes nem pode ser algo perceptível, como enaltece Antônio Candido, ao postular que “a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade” (CANDIDO, 2004, p.169).

Nesse âmbito, o ser humano para resgatar sua totalidade deve fomentar a educação e principalmente a arte como pressupostos essenciais para sua formação humana. Inserido nesse fato é que os textos literários encontram abrigo. Isso se explica porque as manifestações artísticas, dentre elas a literatura, reorganizam o emaranhado caótico que é o interior do ser humano, como defende Candido (2004), ao afirmar que o texto literário atua em grande parte no inconsciente e no subconsciente. Daí defendemos a relevância da literatura na busca do equilíbrio humano, haja vista “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2004, p. 176).

Com efeito, para discorrermos a força humanizadora que a literatura possui, devemos enaltecer o que compreendemos por humanização. Nesse sentido, partilhamos as ideias postuladas de Antônio Candido, que a conceitua,

como o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180)

Mediante o contexto do universo da literatura, e fazendo inferência com o letramento, os Novos Estudos do Letramento, dos quais participam Street (1984) e Janks (2010), sustentam a leitura e a escrita como práticas sociais permeadas por relações de poder e ideologias. Street (2014, p. 83), a partir de seu

modelo ideológico, “considera o letramento um campo para investigar os processos de hegemonia, as práticas e os discursos em competição, em vez de explorar a grande divisão e a racionalidade relativa de sociedades modernas e tradicionais”. Assim, a partir de uma abordagem do estudo dos textos literários, o letramento surge como mecanismo/instrumento capaz de auxiliar o sujeito no exercício da cidadania.

Ainda nessa temática, Cosson (2009) postula que o método de letramento literário é distinto da leitura literária por posse; em que uma está ligada à outra. Para o autor, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p. 23).

Destarte, quando se trata do letramento literário, o discente não pode exclusivamente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova – que pode ser uma resenha, artigo, ensaio ou fichamento – haja vista a leitura ser erigida de acordo com as ferramentas aplicáveis para desenvolvimento e proficiência da leitura literária do discente.

Com efeito, quando se trata de textos literários, sabemos que estes têm uma capacidade de expandir os horizontes do leitor por incitar a imaginação a infindáveis expectativas. Nessa conjuntura, Bordini e Aguiar (1993) desenvolveram uma pesquisa à qual utilizam um específico método de ensino de literatura, denominado como Método Recepional, ao qual o discente fica exposto a inúmeros textos literários famosos ou não, com complexidade e mais simples, atuais e clássicos, normais e poéticos, sempre explanando a significância destes textos a partir das leituras e do interesse do grupo. Tais premissas defendidas pelas autoras embasam uma aplicabilidade demasiadamente útil nos textos literários.

### **3 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

A sequência didática a que se propõe o presente trabalho tomará como base a teoria de Rildo Cosson, em sua obra “Letramento literário: teoria e prática”. A sequência básica do letramento literário tem perspectivas



metodológicas que podem contribuir significativamente para que o aluno, pela prática, possa construir seu conhecimento.

Esta sequência é constituída de quatro partes: motivação, introdução, leitura e interpretação e tem como pressuposto sistematizar a abordagem do material literário em sala de aula. A obra selecionada para o desenvolvimento das atividades foi o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato. As atividades serão realizadas em uma turma de 8º Ano do Ensino Fundamental, durante seis aulas, e tem por finalidade a reflexão da temática da discriminação racial.

De acordo com Edgar Allan Poe (2004), “o conto sempre fornecesse a melhor oportunidade em prosa para a demonstração do talento em seu mais alto grau. “Edgar compara o conto ao romance, ao ensaio e ainda revela aspectos de superioridade com relação à poesia. A vantagem com relação ao romance, diz respeito à totalidade: pois o romance não pode ser lido numa assentada, perde, é claro, a imensa força derivada da totalidade.” Em relação ao ensaio, o que lhe torna “menor” ao conto é o refinamento. Por fim, com relação à poesia, o autor considera que a brevidade excessiva com que ela se consolida para manter a exaltação da alma a degenera. Contudo, o pecado da extensão excessiva é ainda mais imperdoável.

Considerando o que disse Poe sobre o a excelência do conto e a associado-o à crítica social que a temática nos impõe, busca-se por atividades para abordar de forma leve e atraente a temática da crítica social, observando o contexto em que a obra foi produzida, bem como os pormenores do texto, como, por exemplo a caracterização das personagens, as diferenças entre elas e, principalmente, as condições impostas à personagem Negrinha, filha de escrava submetida a uma condição deplorável de vida que chega a lhe tirar profundamente qualquer resquício de dignidade humana. A obra foi publicada por Monteiro Lobato em 1920, período em que o Brasil ainda vivia efeitos da transição da Monarquia para a República e do trabalho escravo para o trabalho livre. O Brasil modernizava-se, mas o preconceito racial contra aqueles que tinham a pele negra ou parda, antigos escravos e seus descendentes, permanecia o mesmo. Em *Negrinha*, Lobato expõe a mentalidade escravocrata que ainda persiste tempos depois da abolição. Relata a saga de uma pobre menina, filha de escrava e órfã aos sete anos, criada por Dona Inácia, uma senhora aristocrata, dona de fazendas, viúva e sem filhos. Inconformada com a abolição da escravatura, cria a menina só com intuito de extravasar sua crueldade verbal e fisicamente. A menina apenas uma vez teve contato com a alegria, quando, em um mês de dezembro, as sobrinhas de Dona Inácia foram visitar a tia. Na ocasião, a pobre descobrira que nem toda criança recebia os mesmos tratamentos. Após o retorno das meninas para a capital, Negrinha é acometida de uma depressão, morre como um gato sem dono, esquecida por todos. Deixando lembrança somente às meninas ricas: “a bobinha” e aos dedos de Dona Inácia, por lhes faltarem a quem dar cascudos e beliscões.

### 3.1 - MOTIVAÇÃO

A motivação é o primeiro passo da sequência básica. Ela consiste em preparar o aluno para entrar no texto. “*O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende da motivação.* (COSSON, 2014. p. 54). Para que essa etapa seja bem-sucedida, as atividades a ela concernentes devem estabelecer laços estreitos com o texto que será lido a seguir.

Em consonância com o pensamento de Cosson, busca-se motivar os alunos para o conhecimento da temática do conto a ser lido. Para tanto, foi escolhido um gênero musical **Reggae**. A escolha se deu, primeiramente, por se tratar da temática e pelo fato de o gênero música ser bem aceito pelos alunos, uma vez que chama a atenção pela melodia. Há quem declare que a música é linguagem universal. Os alunos devem ser conduzidos pelo professor a interpretar a letra da música *Segregação social*, do grupo Ponto de equilíbrio. Depois de terem ouvido a música pela primeira vez, deverá ser proposto a eles que preencham um texto lacunado com a letra da música. Esse procedimento pode levar em torno de vinte e cinco minutos, pois a música deverá ser tocada, no mínimo três vezes, para que eles consigam preencher o texto que será utilizado para a interpretação. Essa é uma estratégia de fazer com que fiquem atentos à letra da música. Depois de preenchido todo o texto, o próximo passo é cantar a música.

É importante ressaltar que não se deve despender tanto tempo para essa atividade de motivação, por isso o professor deve avaliar se há necessidade de uma produção escrita, ou ficando todo o debate na explanação oral.

Ao término da primeira aula, o professor propõe, para casa, uma pesquisa ao dicionário dos sinônimos das palavras desconhecidas. Na segunda aula, deverá ser solicitado que os alunos formem dupla e busquem expressar seus pontos de vista ao colega a respeito da temática discriminação racial. Pode ser solicitado uma pequena produção textual, com o ponto de vista do colega e, em seguida, alguns alunos farão a leitura das produções.

### 3.2 – INTRODUÇÃO

A segunda parte da sequência básica é a introdução, cuja função é permitir que o aluno receba a obra de uma forma positiva. (COSSON. p.61). Nesse momento, as atividades são conduzidas para a apresentação do autor e da obra. Vale ressaltar que há necessidade de certa cautela no desempenho de tais atividades. Quanto ao autor, deve-se conduzir uma apresentação sem detalhes biográficos, que são importantes, porém para pesquisadores; aos alunos leitores, no momento, bastam informações básicas, se possíveis ligadas ao texto a ser trabalhado. Quanto à obra, ainda que haja a concepção de a mesma falar por si só, por se tratar de um procedimento pedagógico, aconselha-se assegurar a direção para os alunos. Deve-se prescindir síntese da história sob pena de tolher o prazer da descoberta. No entanto, cabe ao professor falar de sua importância no momento, seu contexto. (COSSON, 2014. P. 60).

A sugestão para esta obra é que a introdução seja trabalhada em dois momentos, em uma mesma aula, (a terceira). Na primeira parte, os alunos deverão ser levados à biblioteca, onde farão um apanhado das obras de Monteiro Lobato existentes no local, dentre elas, o conto estudado. O professor faz a apresentação do autor, de sua importância para a literatura brasileira e, em seguida, apresenta o conto na perspectiva proposta pela temática discriminação racial.

### **3.3 - LEITURA**

A leitura constitui a terceira parte da sequência básica. O processo de leitura não deve ser vigiado por parte do professor. Mas deve ser acompanhado, com a finalidade de auxiliar o aluno em suas dificuldades “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista”. (COSSON. p.62).

Para essa etapa, sugere-se que a leitura do conto seja iniciada na sala e que seja concluída em casa. Por se tratar de um texto pequeno, porém considerando a importância de intervalo, em que se realiza atividades específicas, com a finalidade de acompanhar a leitura, além de promover a leitura extraclasse, optou-se por disponibilizar apenas um. Para esse momento, quarta aula, o professor apresentará uma imagem, cuja estampa representa diversas cores e estereótipos em uma só face. O objetivo é refletir sobre a miscigenação do povo brasileiro: uma só nação formada por diversas etnias. O professor abordará a discussão sobre o que representaria o preconceito racial no Brasil, uma vez que a cor da pele não distingue nem mesmo membros de uma só família, haja vista várias ocorrências de irmãos biológicos apresentarem características físicas muito diferentes. Para concluir a atividade, o professor deve solicitar que os alunos relatem fatos de preconceito racial vivenciados ou presenciados por eles. A probabilidade é que muitos relatos sejam apresentados, incluindo piadas, chacotas



e outras formas de denegrir a imagem do negro. O professor pode indicar caminhos para que eles façam a intertextualidade com partes do texto.

### **3.4 - INTERPRETAÇÃO**

A Interpretação é a quarta e última etapa da sequência básica. “A interpretação parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as referências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. (COSSON. p.64). Dada a complexidade da interpretação, Cosson propôs pensá-la em dois momentos: um interior e outro exterior.

O momento interior é a etapa pela qual se dá a decifração do texto em suas partes. Tem seu ápice na apreensão global da obra, concluída a leitura. Diferentemente da *motivação*, da *introdução* e da *leitura*, em que a escola interfere no processo do letramento literário, a interpretação é um momento íntimo entre o leitor e o texto, porém, continua sendo um ato social, uma vez que se completa com o leitor no momento em que se realiza a leitura. Para esse momento, quinta aula, como sugestão de atividade, por meio das coordenadas dadas pelo professor, os alunos poderão ser levados a fazer comentários sobre certos momentos do enredo, como por exemplo: sobre os apelidos atribuídos à pobre menina. Outra sugestão de atividade oportuna para o momento, é a produção de um texto narrativo mudando as partes do enredo. Atividade pode ser feita em dupla, sendo que um dos alunos conta o enredo original e o outro narra a releitura produzida no momento.

O momento externo é concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. (COSSON. p.66). Para essa etapa, sexta aula, uma sugestão de atividade interessante é o júri simulado, em que os alunos, organizados e atuando como juiz, promotor, advogados de defesa e de acusação e jurados, possam promover o julgamento da Dona Inácia, com base na Constituição Federal e no Código Penal Brasileiro vigentes. Essa atividade deverá acontecer em um local público, com o objetivo de ser assistida pelos demais alunos da escola. Ainda para essa etapa de conclusão, os alunos poderão também apresentar uma dramatização com uma releitura do conto, em que poderiam mudar o final do enredo ou mesmo inverter os papéis das personagens; fazerem comunicação entre obras com a mesma temática; introduzirem a legislação vigente incluindo os direitos humanos.

### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho dedicou-se a mostrar sugestões de atividades com o intuito de facilitar as estratégias de

ensino na busca por um essencial letramento literário. Diante das dificuldades enfrentadas por professores de literatura no desenvolvimento de atividades de leitura é imprescindível que adotemos metodologias com o objetivo de se trabalhar o texto literário na sala de aula, buscando nos sobrepôr aos problemas da escolarização inadequada da literatura.

As questões ligadas à temática fazem-se muito interessantes no trabalho com o letramento literário, no sentido de que a formação do leitor depende das experiências cotidianas e passadas. Uma vez que, segundo Bordini, “É, portanto, na convivência social, que nascem as linguagens, conforme a necessidade de intercâmbios.” (1988. p.9).

## REFERÊNCIAS

BORDINI, M.; AGUIAR, V. **Propostas metodológicas para o ensino de língua e literatura**. 1983. *Revista Letras de Hoje*. PUC/RS n.53, set.

\_\_\_\_\_. **Literatura: a formação do leitor**. (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

EQUILÍBRIO, Ponto. **Segregação social, discriminação racial**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ponto-de-equilibrio/segregacao-social.html>

JANKS, H. **Literacy and power**. Routledge: New York, London, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense. 1956.

POE, E. A. **Resenhas sobre Twice-Told Tales, de Nathaniel Hawthorne**. Tradução de Charles Kiefer. Bestiario, Porto Alegre, v.1, n.6, 2004. Disponível em: <http://www.bestiario.com.br/6.html> Acesso em: 11 nov. 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: UM TEMA EM TRÊS GÊNEROS**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STREET, B. **Literacy in teory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

## A NATUREZA EM TRÊS MOMENTOS

Christina Ramalho

Universidade Federal de Sergipe

Narcisa Amália de Campos (1852-1924), ilustre e desconhecida mulher, poetisa, jornalista e professora fluminense, refazendo a trajetória das estrelas cadentes, brilhou no palco da Literatura Brasileira, em 1872, com o lançamento de *Nebulosas*, seu primeiro e único livro de poesias, até apagar-se completamente, como voz literária, em 1902. Em 1923, faleceu esquecida, em precárias condições de vida. Um aspecto interessante de sua produção é o fato de ter acontecido em um momento de transição do lirismo romântico para o lirismo parnasiano e o simbolista. Por isso, é possível observar em sua obra um gradual abandono da perspectiva mais subjetiva para efeitos mais plásticos e simbólicos.

Como estamos em mês de comemorarmos a natureza, trago a vocês, além de algumas palavras sobre a obra de Narcisa Amália, três poemas em especial: Amor de violeta, O lago e Violeta Morta. O objetivo é simplesmente oferecer a vocês a oportunidade de contemplarem, à luz do olhar de Narcisa Amália, como esses temas apareceram na poesia romântica e em momentos subsequentes. Mas vejamos antes um pouco da trajetória literária da escritora.

O livro *Nebulosas*, lançado em dezembro de 1872, contém 44 poemas, agrupados em três diferentes partes. A primeira parte é introduzida pelo poema *Nebulosas*, no qual a poeta deixa claro o processo de sentimentalização inerente à sua poesia. Seguem-se ao poema *Nebulosas* outros 14 poemas, assim intitulados: Voto, Saudades, Linda, Aspiração, Aflita, Confidência, Desengano, Desalento, Agonia, Consolação, Amargura, Fragmentos, Cisma e Resignação. Pelos títulos, fica evidente a natureza lírica intimista de tom ultrarromântico.

A segunda parte do livro reúne 13 poemas: Invocação, No ermo, O Itatiaia, Vinte e Cinco de Março, Manhã de Maio, A Resende, Miragem, Lembras-te, À lua, Sete de Setembro, À noite, Vem!, e Pesadelo. Ali estão misturados poemas laudatórios, comemorativos e poemas dirigidos à natureza. Referindo a concepção literária que caracteriza a lírica romântica, serão apontadas algumas relações entre a lírica amaliana e a lírica de seus contemporâneos.

A terceira parte reúne 16 poemas: Castro Alves, Carlos Gomes, Visão, A festa de São João, Recordação, O Sacerdote, Amor de violeta, O africano e o poeta, Sadness, O baile, Fantasia, Julia e Augusta, Noturno, A Rosa, Ave-Maria e Dois Troféus, tradução do poema, de mesmo título, de Vitor Hugo.

Além dos poemas que compõem *Nebulosas*, podemos encontrar poemas avulsos publicados em jornais e revistas



antes e após o lançamento de *Nebulosas: Aceitas?*, de 1870; *Idílios*, de 1872; *Poesia*, de 1873; *Versos antigos*, de 1873; *À Sociedade Brasileira*, de 1874; *Fatalidade*, de 1875; *Perfil de escrava*, de 1879; *Spes sola*, de 1880; *Violeta morta*, de 1886; *Porque sou forte*, de 1886, *Ouvindo um pássaro*, de 1887; *Sob as frondes*, de 1887; *Cismando*, de 1888; *Pelas sombras*, de 1888; *Confissão*, de 1889; *Recordação fatal*, sem o ano; *Reminiscência*, de 1889; *Condolência*, de 1889; *Sanctos labor*, de 1889; *O lago*, de 1890, *Vesper*, sem data.

Por ser Narcisa uma escritora de fim de período e dadas as informações existentes sobre o seu contato com poetas de sua época, é possível encontrar nos últimos poemas que ela publicou influências da poesia parnasiana e da simbolista, com as quais Amália comungou nesse período literário de fim de século.

A relação homem/natureza, na poesia inicial de Narcisa, tem evidentes influências de Álvares de Azevedo, cuja poesia, segundo Antônio Cândido: "... nos mostra como a literatura depende do espaço físico e humano em que banha o escritor, e que se transfunde nas imagens, nas situações, na visão de mundo, na orientação da sensibilidade" (s/a, p.34). A relação da poetisa com os lugares onde viveu se presentificou por diversas vezes, em sua obra. O tom laudatório em Narcisa, quando refere-se à Itatiaia ou à Resende, é sincero justamente por estar ela exaltando, na terra que a recebeu, uma beleza diretamente absorvida. Mas, ao mesmo tempo, o deslocamento que a subjetividade faz, projetando o real observado numa paisagem sentimentalizada, desprende-se do centro referencial da realidade, através da imaginação poética, elaborando a paisagem romântica.

Observem como, no poema *Amor de violeta*, eu-lírico e paisagem se integram e se confundem, em claro rasgo de sentimentalização do espaço, ou seja, se hoje precisamos travar batalhas para olhar para a natureza em lugar de apenas par anos próprios, no século XIX era bem distinto o sentimento humano em relação aos espetáculos que a natureza proporcionava. A comunhão era tanta que os sentimentos do eu-lírico encontravam espelho em tudo o que a natureza, sob os olhos atentos dos/as poetas, oferecia para ser contemplado, inclusive uma pequenina violeta:

#### AMOR DE VIOLETA

As violetas são os serenos pensamentos que o mistério  
e a solidão despertam na alma verdejante da  
esplêndida primavera.

Luís Guimarães Júnior

*Esquiva aos lábios líbricos*

*Da louca borboleta,*

*Na campina, olente, formosíssima,*

*Vivia a violeta.*

*Mas uma virgem cândida, um dia*

*Ante ela passa,*

*E vai colher mais longe uma faceira hortênsia*

*Que à loira trança entrelaça.*

*“ai! – geme a flor ignota:*

*se pela cor brilhante*

*que tinge a linda rosa, a tinta melancólica*

*trocasse um só instante;*

*como eu sentira, ébria*

*de amor, de mágoa, enleio,*

*do coração virgínio as pulsações precipites,*

*unidas ao casto seio!”*

*Doideja a criança pálida*

*Na relva perfumosa,*

*E a meiga violeta ao pé mimoso e célere*

*Esmaga caprichosa.*

*Curvando a fronte exânime*

*Soluça a flor singela:*

*“Ah! como sou feliz! Perfumo a planta ebúrnea  
da minha virgem bela!...”*

De outro lado, observemos agora, no poema O lago, como já se percebe uma divisão entre o que um olhar realista perceberia em relação à paisagem e aquilo que essa mesma paisagem ainda provoca no eu-lírico:

## O LAGO

*Calmo, fundo, translúcido, amplo, o lago  
Longe, trêmulo, trêmulo morria...  
No seu límpido espelho a ramaria,  
Curva, de um bosque punha sombra e afago.*

*Terra e céu, ondulando, eram na fria  
Tela fundidos! O queixume vago  
Que a água modula, de ambos parecia,  
Solto, ululante, intérmino, pressago!*

- *“Trecho vulgar de sítio abstruso e agreste”.*

*Talvez; mas todo o encanto que reveste  
Sentisses, contemplasses-lhe a beleza;  
Comigo ouvisses-lhe a mudez, que fala,*



*E sorverias no frescor que o embala*

*Todo alento vital da Natureza!*

Aqui se vê uma voz lírica que extrai da natureza uma experiência alentadora. No entanto, há no poema a presença de uma segunda pessoa que é instigada a, despindo-se do tal olhar realista, tentar contemplar a paisagem absorvendo a lição que a natureza oferece. Ou seja, nesse poema já se percebe o conflito estético do qual a própria poeta se verá refém. É o que confirmaremos no poema a seguir, *Violeta morta*, anterior, inclusive a *O lago*, e no qual se percebe o diálogo com o próprio poema *Amor de violeta*:

### VIOLETA MORTA

(A Raimundo Correia)

*Vejo-te sempre, ó pálida violeta,*

*Entre flores do campo sepultada,*

*Como entre rosas, lívida, gelada*

*A legendária e doce Julieta !*

*Jaz morto o imorredoiro amor do poeta...*

*- Lenta, ao longe, extinguiu-se a voz amada...*

*E ainda aspiro-te a essência delicada*

*Com que perfumas a canção dileta !*

*- Ave, que reconquista a liberdade*

*Leva a sombra de cárcer 'na tristeza*

*Da paz com que saúda a soledade...*

*Eu gozo esta cruel felicidade !*

És a sombra, flor morta e sem beleza

*Da dor que encarcerou-me a mocidade.*

Esse poema, escrito em 1886, articula-se a partir da inegável consciência que Narcisa Amália tinha acerca do processo de encerramento do ciclo literário romântico. O encerramento do olhar romântico, quem sabe, pode ter trazido também uma nova forma de o ser humano se relacionar com a natureza. Longe de subjetivá-la e tratá-la como espelho e cúmplice, o ser humano passou a vê-la como decoração de um mundo todo voltado para o desenvolvimento maquínico e tecnológico. Infelizmente.

### **Referências**

AMÁLIA, Narcisa. *Nebulosas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872.

AMÁLIA, Narcisa. O lago. In *Correio literário*, setembro de 1890.

AMÁLIA, Narcisa. Violeta morta. In *Diário Mercantil*, 01.06.1886.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira* (2º. volume). São Paulo: Livraria Martins, 4ª. ed., s/a .

RAMALHO, Christina. *Um espelho para Narcisa: reflexos de uma voz romântica*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

# NA VISÃO DA TELONA: LAMPIÃO E O CANGAÇO

## EM O BAILE PERFUMADO (1996)

Isadora Pelosi

Universidade Federal de Sergipe

### Introdução

O cangaço é parte importante da identidade nordestina e aparece em várias mídias, principalmente no cinema. Desde o filme *O Cangaceiro* (1953), de Lima Barreto, e a criação do gênero “*nordestern*” no cinema brasileiro, se estabeleceu uma tradição de filmes sobre o cangaço. Essa temática nos filmes ajuda a fortalecer a identidade nordestina e a mitificar a figura de Lampião.

Neste trabalho, vamos analisar o filme *O Baile Perfumado* (1996<sup>1</sup>), de Lírío Ferreira e Paulo Caldas, que teve papel importante em uma leitura contemporânea desse gênero e foi um marco para o cinema pernambucano. O filme tem como sinopse:

Amigo íntimo do Padre Cícero, o mascate libanês Benjamin Abrahão decide filmar Lampião e todo seu bando, pois acredita que este filme o deixará muito rico. Após alguns contatos iniciais ele conversa diretamente com o famoso cangaceiro e expõe sua ideia, mas os sonhos do mascate são prejudicados pela ditadura do Estado Novo.

Iremos, a partir da análise do filme *O Baile Perfumado* (1996), problematizar como se dá a representação do cangaço, sobretudo levando em conta os fortes laços identitários com o Nordeste. Examinaremos, também, a figura de Lampião, personalidade controversa, cabível de muitas interpretações se atrelada a várias questões sociais. Não nos esqueceremos, no entanto, de que o filme se filia a uma tradição do gênero cinematográfico brasileiro. Assim, podemos estabelecer um diálogo com filmes do mesmo gênero.

A forte presença e recorrência tanto do cangaço quanto da figura histórica e mítica do Lampião demonstram sua sólida inscrição no imaginário identitário nordestino. Posto isso, a análise e o estudo desses temas nos levam a refletir sobre a construção de nossa identidade, seja regional ou nacional, e a maneira como esses temas ainda são “atuais” e podem nos dizer algo sobre a nossa sociedade.

---

1 O filme tem data inicial de 1996, mas sua estreia nacional se dá em 1997.

## 2. Formação de uma identidade

Para podermos atingir o objetivo deste trabalho, que é analisar a representação do cangaço no filme *Baile Perfumado* (1996) levando em conta sua importância para identidade regional, temos que abordar, ainda que brevemente, alguns conceitos e considerações, a saber: o que é uma identidade; como se forma uma identidade; e qual seriam as características específicas da construção da identidade nordestina.

Para a primeira questão, vamos tomar emprestado o conceito de formação da identidade nacional, por ser análogo, em seu processo de formação, a uma identidade regional. Ainda assim, reconhecemos que a força identitária nacional é quase sempre a expressão mais forte na caracterização pessoal do indivíduo.

Stuart Hall (2005)<sup>2</sup> estabelece a esse processo de formação um caráter moderno, visto que é utilizado na criação de uma unidade pelos Estados modernos, porém também as percebe além de uma entidade política, como um sistema de representação cultural.

Esse processo gera um resultado homogeneizador e possui uma grande força cultural, considerando-se que engloba vários tipos de diferenças em sua definição sejam elas de gênero, classe e/ou etnia (HALL, 2005, p.64).

Esse caráter homogeneizador parece ser até mais forte em um país como o Brasil, que possui um profundo multiculturalismo, seja no país como um todo ou em suas regiões específicas. No caso nordestino, temos o exemplo da escolha do sertão como imagem característica do Nordeste, que vai de encontro à realidade, já que a maioria da população mora nas áreas litorâneas.

A noção de identidade é posta como um modo de construção de sentido que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2005, p.50). Hall cita cinco elementos importantes na criação dessa “comunidade imaginada”: narrativa da nação, atemporalidade das tradições, invenções da tradição, mito fundacional, ideia de povo original (HALL, 2005, p.52). Em um processo regional, várias dessas características permanecem, embora ocorram algumas mudanças: o conceito de mito fundacional não tem muita força em um caráter regional e, na questão de um povo original, se propõe mais de um estereótipo idealizado como, por exemplo, o estereótipo do malandro no Rio de Janeiro.

Hall tem como maior preocupação analisar os efeitos da globalização na identidade nacional e postula três alternativas que podem aparecer devido este impacto: a desconstrução, a reafirmação e o hibridismo desta identidade.

---

2 Original publicado em 1992.



Na análise do filme, vamos poder perceber se existe mesmo um impacto contemporâneo na formulação da identidade regional e, caso exista, em qual rota ele foi colocado.

### 3. Identidade Nordestina

Sertão, seca, cangaço e Lampião são imagens que imediatamente nos remetem ao Nordeste e as concebemos como parte de uma identidade regional. Como vimos anteriormente, a criação de uma identidade faz parte de escolhas na eleição de símbolos e temáticas que passam a representar um grupo. No livro *A invenção do Nordeste e outras artes*<sup>3</sup>, de Durval Muniz de Albuquerque Jr., o autor busca as origens dessa identidade. A região geográfica do Nordeste era primeiramente compreendida como parte do Norte, em um Brasil dividido em somente em Norte e Sul. Pela década de 1920, já separada, começa a ganhar suas características próprias regionais na política, em uma invenção sociológica e literária.

O autor (2006) associa a Gilberto Freyre a criação de uma instituição sociológica do Nordeste, no qual se aplica ao Nordeste um nascimento psicológico voltado à vida dos engenhos, que busca uma valorização de passado regional.

A representação na literatura é aquela a que daremos mais atenção, por ser a base da imagética cinematográfica brasileira, e por também fomentar as imagens mais fortes que temos, até hoje, da faceta regional nordestina, tendo como autores mais expressivos Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Raquel de Queiroz. Essa representação começa principalmente pelos “romances de trinta”, que eram as obras dessa década voltadas à realidade da região. Utilizando-se de um discurso identitário, esses autores buscavam retratar a formação de personagens simbólicos e tinham como tema central a decadência da sociedade patriarcal rural e sua substituição pela sociedade urbano-industrial.

O sertão foi também consagrado como espaço tradicional por excelência e como aquele que dá originalidade ao Nordeste (ALBUQUERQUE, 2006, p.110-111). Além disso havia a preocupação de se resgatar o linguajar regional. Temas regionais foram instituídos como: a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço; o coronelismo em seu completo: o jagunço e a seca como epopeia de retirada (ALBUQUERQUE, 2006, p. 120). Segundo Albuquerque Jr.:

O “romance de trinta” opera pela elaboração de personagens típicos, de tipos que falam do que consideram experiências sociais fundamentais, que constituem identidades típicas do regional. [...] São personagens que pretendem ser reveladores de uma essência do ser regional ou de lugares sociais bem definido. [...] O romance “típico” atualiza nos personagens elementos consagrados pelos códigos perceptivos de sua época (ALBUQUERQUE, 2006, p.111-112).

---

3 Primeira edição em 1996.

A percepção da figura dos cangaceiros em setores urbanos e rurais era em todo negativa e destituída de qualquer conteúdo social (ALBUQUERQUE, 2006, p.125). Atribuía-se ao cangaceiro um caráter animalesco, cruel e machista, colocado como sinônimo de uma oposição entre civilização e primitivismo – ameaça à modernização e à ordem (ALBUQUERQUE, 2006, p.126).

Entretanto, essa não foi a imagem introduzida nesses romances tradicionais e nem a que foi expressa pelos acadêmicos de esquerda:

O [...]cangaceiro que era visto pelo tradicionalistas como justiceiro dos pobres, como o homem integrado a uma sociedade tradicional e que se rebelava por ser vítima da sociedade burguesa, tornar-se-á, no discurso e obras artísticas de intelectuais ligados a esquerda, um testemunho da capacidade de revolta das camadas populares e símbolo da injustiça da sociedade burguesa, ou uma prova da falta de consciência política dos dominados, uma rebeldia primitiva e mal orientada, individualista e anárquica (ALBUQUERQUE, 2006, p.195-196).

Na década de quarenta dá-se o fim do cangaço e o Estado Novo (ALBUQUERQUE, 2006, p.204) faz um esforço para gerar um silenciamento sobre o assunto. Em geral, o seu fim é aclamado por todos, inclusive pelos escritores dos romances de trinta, que associavam à violência dos cangaceiros a causa do atraso na região. Entretanto, as produções culturais e a memória popular mantêm esses homens vivos e os transformam em mitos que se cimentam como parte da identidade nordestina.

#### **4. O Nordestern**

O cangaço como gênero cinematográfico vai se difundir diretamente relacionado com o filme de Lima Barreto *O Cangaceiro*, de 1953, que faz grande sucesso comercial dentro e fora do país. Usando uma imagética hollywoodiana, termina influenciando uma onda de mais de 20 filmes sobre o cangaço que ocorreram na década de 1960 e em menos proporções na de 1970.

O termo Nordestern é um neologismo criado pelo pesquisador Salvyano Cavalcanti de Paiva na década de 60 e foi atribuído aos diversos filmes realizados sobre o cangaço nesse período. Este termo é uma referência direta ao western clássico que muito influenciou os filmes de cangaço a partir dos anos 50. Nesse sentido, o cangaço passou a ser um gênero com características estruturais comuns, criando uma vertente nacionalista com referências diretas ao gênero norte-americano (VIEIRA, 2007, p. 65-66).

Esse diálogo direto pode ser feito pela aproximação de temas entre os dois gêneros, ambos podendo abordar questões como: a seca, polícia versus bandido, civilização contra selvageria, anti-heróis tanto se

passando em lugares tomados pela seca e com figurinos típicos e específicos de sua região.

Albuquerque Jr. (2006) também indica uma precariedade do cinema brasileiro, principalmente pela falta de uma imagética própria, o que gera uma busca de referências em outros espaços culturais, seja no *western* ou em obras teatrais e, sobretudo, nas obras literárias de trinta, tendo poucas exceções que vão tentar construir uma imagem própria.

A figura de Lampião também foi muito usada nessa temática, podendo aparecer de diversas formas. Às vezes, como inspiração para um personagem fictício, em paródias da sua figura (principalmente em comédias); em outras, como alguém próximo a ele, ou retratado em sua própria figura histórica. Nesse último caso, temos como exemplos os seguintes filmes (MARTINS, 2014, p. 174 -175): *Lampião A Fera do Nordeste* (1930), de Guilherme Gáudio; *Lampião, o Rei do Cangaço* (1950), de Fouad Anderaos; *Lampião, o Rei do Cangaço* (1964), de Carlos Coimbra; *Meu Nome é Lampião* (1969), de Mozael Silveira; *Lampião e Maria Bonita* (1982), de Paulo Afonso Grisolli e Luiz Antônio Piá; *Baile Perfumado* (1996) de Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Entre esses filmes, percebemos várias visões do cangaceiro que vão do herói ao sanguinário. Porém, vale ressaltar que um aspecto mantido por todas essas visões é a violência do cangaço.

## 5. Cinema na década de 1990

Na década de noventa ocorre um ressurgimento no cinema brasileiro: o Cinema Novo (PRYSTHON, 2002,p.68). No entanto, não acontece uma drástica mudança, mas um gradual amadurecimento de ideias já postas e também uma retomada de ideias modernistas (PRYSTHON,2002,p.66).

Esse amadurecimento se refere ao pós-modernismo da década de 1980 e que na década de 1990 volta a olhar para dentro, em oposição à procura pelo estrangeiro, em uma “retomada à tradição”. Percebe-se, também, uma tendência de exploração de narrativas históricas e uma preferência ao periférico em vez do central.

Em relação aos filmes sobre o cangaço vemos que:

O cinema brasileiro[...], vê ressurgir como tendência muito em voga o “cinema do cangaço”, nordestern ou árido movie. [...] A revisão do cangaço [...] implica necessariamente em uma revisão da imagem do Nordeste (PRYSTHON,2002,p.67).

Essa releitura e uma nova abordagem do cangaço e do sertão mais contemporâneo estariam presentes

no filme *Baile Perfumado*(1996), que será analisado neste trabalho, assim como o que representa essa revisão da imagem do Nordeste.

## 6. Análise

O filme *Baile dos Perfumado*, de 1996, foi dirigido por Paulo Caldas e Lírio Ferreira, com duração de 93 minutos e é uma produção da Riofilme. Estrelado por Duda Mamberti no papel de Benjamin Abraão e Luís Carvalho Vasconcelos no papel de Lampião.

O filme tem um caráter quase biográfico, por narrar a história real de Benjamim Abraão, imigrante libanês que foi o único que conseguiu filmar e registrar Lampião e seus cangaceiros. Benjamim, que vem para Recife em 1915 e chega a trabalhar como secretário de padre Cícero, acaba conhecendo Lampião em serviço. Após a morte do padre e a percepção que a imagem de Lampião não era aquilo que enxergara quando encontrara, Benjamim vai partir em uma empreitada para filmar e documentar Lampião e seus cangaceiros.

Personagens centrais no filme são todos baseados na história real desses acontecimentos: desde Ademar Albuquerque, proprietário da AbaFilms, que apoia o empreendimento de Benjamim, até o Tenente Livaldo Rosas, guarda que achou o corpo de Lampião.

Nesta abordagem, vamos segmentar o filme em sequências temáticas, apresentando sua narrativa e analisando seu conteúdo. No final vamos apresentar um balanço da visão do filme sobre temáticas relacionadas a identidade nordestina.

O filme começa com a morte de Padre Cícero e demonstra o processo fúnebre com o choro e as cantigas do enterro. Em meio a isso, é apresentada uma narração em árabe feita por Benjamim, que causa um estranhamento, uma vez que não é dada a legenda ou uma explicação ao que é dito. A cena leva ao letreiro com o nome do filme.

Podemos analisar logo de início que essa história é, por parte, contada a partir da visão de um imigrante sobre o Nordeste. Também nesse início é apresentado o tema da religiosidade, que será reforçado durante todo o filme, como um foco importante na vivência nordestina.

Após esse primeiro momento, somos expostos a uma luta entre o Tenente Livado Rosas e seus companheiros contra Lampião e seus cangaceiros na caatinga e, após a batalha, ocorre um tour com a câmera pelas margens do rio São Francisco. A câmera, durante esse tour pelo rio São Francisco, nos mostra uma área



vasta e transmite uma imagem de imensidão. A trilha sonora se faz presente e há uma escolha contemporânea dos diretores pelo o *manguebeat*, contando com a presença de Chico Science um dos principais nomes desse movimento musical. *Manguebeat*, como se sabe, foi um movimento de contracultura fundado em Recife na década de 1990.

É importante ressaltar o uso da flora real nordestina neste filme, pois, durante a tradição cinematográfica do *nordestern*, muitos filmes eram feitos em outras localidades, onde se usava a vegetação local como sendo a nordestina. Podemos perceber que houve uma visível preocupação nos trajes dos cangaceiros para igualar as imagens verídicas feitas pelo próprio Benjamim.

O filme faz vários recortes de tempo e espaço, nos quais podemos acompanhar a jornada de Benjamim até seu encontro com Lampião. Ele agrega favores de conhecidos até chegar a uma pessoa que possa leva-lo ao cangaceiro. Essa busca o leva à figura do coronel João Liborio. Seu favor é ganho pelo encantamento do Coronel ao assistir às gravações de uma vaquejada feitas por Benjamim.

Dentro dessa sequência, é interessante observar a inserção do tema da modernidade, vista principalmente pela presença da câmera usada por Benjamin para ganhar favores e para documentar a sua viagem. Podemos interpretar essa presença como um maior alcance da tecnologia no interior do Brasil e também como um aspecto simbólico ao ser levado por um estrangeiro.

Em meio a essa sequência, o filme se volta para Lampião, em uma cena com Lampião e Maria Bonita vestidos formalmente para irem ao cinema, o que aponta claramente para uma desconstrução da imagem de Lampião com um sujeito selvagem e descivilizado.

Ambas as sequências seguintes são amostras de violência, seja do cangaceiro ou da guarda oficial: Lampião é visto matando traidores, e o Tenente torturando em busca de informação. Ressalta-se, no entanto, que essa cena de violência praticada por Lampião é caracterizada como um relato de alguém, o que coloca certa ambiguidade nos acontecimentos.

No principal momento do filme, o encontro de Benjamin e Lampião, Benjamin terá que ganhar a confiança dos cangaceiros para poder realizar seu projeto. É interessante pontuar que, durante o encontro dos dois, observam-se os argumentos de persuasão de Benjamim, que apelam para a vaidade e para a ganância de Lampião, ao oferecer a possibilidade de dinheiro gerado pelo projeto e o novo alcance que sua mensagem teria através do filme.

Retomando um aspecto técnico do filme, percebemos o uso da narração para expressar os sentimentos

de Benjamim, possibilitando ouvir o que ele escreve em seu diário. Essas passagens são faladas em árabe e legendadas em português e, juntamente como o sotaque do ator, não nos deixam esquecer a origem não-brasileira do personagem.

Após a confiança ganha, começam as filmagens, que têm enfoque em ações mundanas e diárias para a criação de uma nova visão a fim de desmistificar estereótipos. Esses estereótipos são desconstruídos fora e dentro do filme, no qual se busca questionar a construção do cangaceiro e a de Lampião em particular, como figura de bandidos sanguinários selvagens, assim como agente de benfeitorias aos pobres.

A filmagem termina com uma encenação bem-humorada do que seria um ataque cangaceiro, e Benjamin vê seus riscos valendo a pena diante o grande interesse gerado por seu material, que só aumenta após a produção de um artigo na revista *Cruzeiro*, que utiliza suas fotos.

Tal triunfo é posto abaixo pela censura do governo Vargas, que proíbe a circulação do material e o manda recolher. Para Lampião, também não é um momento bom: com a traição de um de seus aliados, começa uma fuga que vai acabar em sua morte e o fim de seu grupo. A morte também vai chegar para Benjamin, que é assassinado e o culpado no filme não é revelado.

O filme então termina na reprodução das verdadeiras filmagens feitas e realiza um novo tour panorâmico com a figura do Lampião no alto, mostrando que sempre será o governador do sertão.

Vários temas sobre a identidade nordestina são abordados pelo filme e podemos começar pelo mais evidente: a releitura da figura de Lampião e os cangaceiros. Eles são pertencentes a uma estrutura tradicional ligada a coronéis e mostram – ao menos Lampião – uma adaptação a aspectos modernos. Isso fica explícito no uso de perfume francês e no gosto por whisky importado, e também pelo fascínio do Coronel Libório pela tecnologia da câmera e do filme, diferentemente dos cangaceiros representados anteriormente, que eram figuras avessas à modernidade.

A violência do cangaço é colocada, porém, a violência do governo é posta com o mesmo peso, não se fazendo uma diferenciação entre suas práticas, aspecto que é já comum na imagética identitária regional.

As mulheres e o aspecto machista de “cabra macho” representam uma continuidade; se as mulheres aparecem em papéis comuns de esposa ou de amante, figuras sexualizadas ou maternas, são, no entanto, pelo menos presentes e possuidoras de uma personalidade, mas não desafiam essa construção. A religiosidade é outro aspecto que continua em uma leitura tradicional da identidade regional.

Não há muito enfoque na questão da seca e da caatinga, essa aparecendo apenas como ambientação

do grupo de cangaceiros. Nesse aspecto, o destaque vai para Recife, que aparece como uma capital moderna e avançada.

## 7. Conclusão

Levando em conta os processos de formação de identidade e as peculiaridades da identidade nordestina, foi realizado um trabalho de análise em cima da representação feita no filme que abordou aspectos sobre essa identidade, principalmente sobre o cangaço.

Sinteticamente, temos a representação do cangaço no filme elaborada a partir de um processo de desconstrução trazido pelo ambiente contemporâneo, e que conta, principalmente, com o ressurgimento de matérias já existente para questionar as ideias vigentes do que era o cangaço ou quem foi Lampião. Não é, no entanto, uma desconstrução geral da identidade regional nordestina, podendo até ser, por um lado, vista como acentuadora de alguns temas.

Temos, através desse filme, não uma total interrupção do que seria a visão tradicional da identidade nordestina, mas sim um trabalho voltado bastante ao impacto da modernidade no período e uma tentativa de se repensar as imagéticas cristalizadas sobre o cangaço.

O filme, além disso, dialoga com as tradições cinematográficas brasileiras ligadas mais pela escolha do tema e pelo uso dos personagens tradicionais. Entretanto, tem uma abordagem nova em relação ao conteúdo desses lugares, e isso, em muito, deve-se aos novos horizontes do Cinema Novo.

A globalização teve, de fato, um impacto em como se entende a identidade regional, não para destruição de um imaginário, mas sim para uma reconstrução baseada em novos preceitos.

## Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTINS, Allysson Viana. *De Virgulino a Lampião: guerras de memórias nos filmes sobre o cangaceiro mais famoso do Brasil*. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.3, n.2, p. 171-178 2014.

PRYSTHON, Ângela. *Rearticulando a tradição: rápido panorama do audiovisual brasileiro nos anos 90*. Revista Contracampo. Niterói, n. 7, p. 65-78, 2002.

VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza. *O Cangaço no Cinema Brasileiro*. Tese. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Artes, 2007.

# Ensino de literatura: sequência didática-xeque mate no preconceito

Ana Rosa Rocha<sup>1</sup>

Maria Ivânia dos Santos<sup>2</sup>

## Introdução

O trabalho com o texto literário em sala de aula é ainda pouco explorado, sobretudo no Ensino Fundamental II, pois alguns acreditam ser um texto complexo para se trabalhar com séries anteriores ao Ensino Médio. Os textos literários aparecem nos livros didáticos, mas na grande maioria das vezes, apenas como pretexto para o trabalho de aspectos gramaticais e interpretações rasas e pouco reflexivas.

Sendo assim, propõe-se o trabalho com o texto literário através da sequência didática, à luz dos estudos realizados na disciplina *Leitura do texto literário* do mestrado profissional em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana.

É proposta a sequência didática baseada no modelo de Rildo Cosson(2014) e na visão de Bordini e Aguiar sobre o trabalho com o texto literário. O texto escolhido foi *Pretinho, meu boneco querido*, de Maria Cristina Furtado, cuja temática é a discriminação racial. Por esse fato acontecer, na narrativa, com um boneco e o enredo girar em torno deles, faz com que tenha uma aproximação com os discentes do Ensino Fundamental, já que estes, por serem jovens sentem empatia com os personagens.

A temática é abordada de forma clara, possibilitando aos educandos refletirem sobre essa forma cruel de discriminação, oportunizando aos alunos experienciar os conflitos do outro. Para Cosson:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON,2014,p.17)

A literatura por suas especificidades nos permite adentrar em temáticas sensíveis, tais como a discriminação racial, no texto literário não há espaço para o preconceito, há espaços para as significações polissêmicas que podemos atribuir a um texto e das transformações que esse texto nos fará após fazermos as interpretações, isto é, “a obra literária acaba por fornecer ao leitor um universo muito mais carregado de informações, porque o leva a participar ativamente da construção dessas, com isso forçando-o a reexaminar a sua própria visão de realidade concreta”. ( BORDINI E AGUIAR, p.15)

---

1 Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, UFS - Campus de Itabaiana/SE. Email: [ana.rocha2008@ig.com.br](mailto:ana.rocha2008@ig.com.br).

2 Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, UFS – Campus de Itabaiana/SE. Email: [ivania.flor@hotmail.com](mailto:ivania.flor@hotmail.com).



Oubi Inaê kibuko diz que: “A literatura constitui-se de palavras cristalinas que semeiam caminhos no solo da vivência entre negros, brancos e outras etnias ao serem regadas pelas águas do respeito, conhecimento, autoestima, consciência, autocrítica, solidariedade...”( in Cadernos Negros,p.141)

Sendo assim, devemos repensar o lugar do texto literário, pois em consonância com Marisa Lajolo, em epígrafe do texto a *Leitura literária na escola*: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (LAJOLO,1993,p.11).

## 1. Fundamentação Teórica

A leitura tem sido alvo de debates há muito tempo no âmbito educacional, sobretudo no tocante à maneira de melhor introduzi-la nas salas de aulas para que dessa forma, os educandos adquiram o gosto por esta.

Maria Helena Martins diz que ler não é um aprendizado qualquer, mas sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos nossos horizontes. Sendo assim, ao se inserir dentro das escolas, deseja-se que novos mundos sejam apresentados aos discentes tornando-os cidadãos críticos.

Mas despertar esse interesse pela leitura não é nada fácil, por inúmeros discursos com ou sem fundamentos. Alguns dizem que ler é chato quando se tem uma imensidade de coisas mais interessantes, como os jogos no computador, outros afirmam que ler é uma tarefa enfadonha, há ainda, os que acreditam que ler é importante para o desenvolvimento de outras habilidades e adquirir culturas.

Independente da posição que se tenha, do discurso que se adote, é inegável a importância da leitura, havendo os que creem ser a escola a responsável em estimular e manter o gosto por ler. No entanto, faz-se mister esclarecer que é uma das funções das escolas, mas esta não é a única responsável por isto, compete aos pais também, atuarem como parceiros nessa jornada. Eis o que nos diz Daniel Pennac:

Ele [o jovem] é um público implacável e excelente. Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência; estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar; acompanharem seus esforços, sem se contentarem de pegá-lo na curva; consentirem em perder noites em lugar de ganhar tempo; fizerem vibrar o presente sem brandir a ameaça do futuro; se recusarem em transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretanto esse prazer até que ele se transforme em dever, fundindo esse dever na gratuidade de todo aprendizado cultural, fazendo com que encontrem assim, eles próprios, o prazer nessa gratuidade.(PENAC,p.55)

Transformar a leitura em prazer é nosso grande desafio, afinal, nós educadores, somos cobrados pela escola, família e conseqüentemente, sociedade, para que façamos o papel de estimuladores . Diante disso, ficamos meio que acorrentados, pois sabemos que somos mediadores e não impositores nesse processo . É preciso que busquemos formas de implementá-la no cotidiano.

Sabe-se que a leitura é necessária, mas que tipo de texto deve ser trabalhado em sala de aula? Para os pais e alguns professores, textos clássicos, o cânone, para os discentes, o que eles gostam, romances e histórias

atuais. Segundo Cosson, o professor deve trabalhar com a multiplicidade de textos, usando para isso alguns critérios para selecioná-los:

Em síntese, o que se propõe aqui é combinar três critérios de seleção de textos, fazendo-os agir de forma simultânea no letramento literário. Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares. (COSSON,2014, p.36).

Para fazer uso desses critérios é importante que o profissional tenha uma boa formação literária para que possa ajudar os educando na escolha e, principalmente, fazer boas seleções, sobretudo em relação aos textos literários, tão equivocadamente trabalhados tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, neste, ficam presos à periodizações e naquele a interpretações que não valorizam a riqueza do texto literário. Para Maria Alice Faria, a literatura é portadora de um sistema de referências que permite a cada leitor organizar sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria (FARIA,2008,p.19).

Bordini e Aguiar dizem que:

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. (BORDINI e AGUIAR, 1988, p.13).

O professor como mediador da leitura, deve conhecer as nuances do texto literário, as sutilezas e as maneiras de ler um livro, para que a atividade de leitura em sala de aula seja rica e prazerosa.

O imprescindível é que as atividades sejam desvinculadas dos aspectos e atividades gramaticais, ou seja, o texto como pretexto, passando a haver “um pacto entre professor e aluno, em que ambos dividem responsabilidades e méritos”(AGUIAR,1988,p.25)

## **2. Sequência Didática**

O trabalho com a sequência objetiva o letramento literário, pois este deve ir além da mera leitura de obras. Para essa prática literária foi realizada a sequência básica, composta de quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Dentro das práticas em sala de aula é comum já partir para a terceira etapa da sequência básica, a

leitura, sem que antes seja feita uma preparação para esta. Por isso, no trabalho com a sequência, a primeira etapa é a motivação, cujo núcleo é a preparação do aluno para entrar no texto.

Na sequência, *Xeque mate no preconceito*, a motivação foi feita em dois momentos, divididos em uma aula de cinquenta minutos. A primeira etapa, feita através do jogo do xadrez, em que o professor de Educação Física, Neidson Mangureira, lembrou a história e algumas regras antes dos discentes iniciarem a partida. Durante a explanação o professor vai ressaltando alguns aspectos que serviriam para uma posterior relação com a temática da sequência. O que se deseja suscitar aqui é a curiosidade do aluno para que adentre no texto, afinal o que o xadrez tem a ver com a atividade? Os questionamentos realizados após a partida são intencionais a fim de que façam as associações com a temática da sequência didática. As provocações foram:

1-Por que as cores são pretas e brancas?

2-Por que quem sempre começa são as brancas?

3-Que relações existem entre as peças e suas denominações?

Diante de diversificadas visões, dentre elas a da convenção, eis que surge – a do preconceito. Então, hora do segundo momento, propomos que eles pesquisassem e entrevistassem as pessoas da escola sobre o porquê dessas escolhas, pesquisa esta que deveria ser gravada no celular. Feito isso, retornam à sala, expõem oralmente o resultado de sua pesquisa. Os dados coletados demonstram que alguns acreditam sim, as cores do xadrez serem relacionadas ao preconceito, visão essa que foi desmistificada com o conhecimento da história do xadrez.

Rildo Cosson faz algumas observações pertinentes em relação à motivação, tais como: não deve ultrapassar uma aula e deve envolver atividades de leitura, escrita e oral. Essas observações foram respeitadas ao realizar a atividade, já que por leitura não se entende apenas a decodificação de letras, mas também a leitura de outras coisas, como o tabuleiro de xadrez e a melhor estratégia, quanto à atividade escrita e oral foram realizadas no segundo momento.

Preparado o caminho com a motivação, parte-se para a segunda etapa, a introdução, onde se deve apresentar autor e obra, no caso da sequência, a autora e sua obra, *Pretinho, meu boneco querido*. Como a proposta da sequência é também a multimodalidade, é exibido o curta metragem **Xadrez das Cores** para que se consolide através do texto visual a temática. Vale ressaltar que na introdução além da autora e do livro, são apresentados também, capa, contracapa, imagens, e a possível relação entre o livro e o curta-discriminação racial. Essa etapa da sequência também foi de uma aula, ou seja, cinquenta minutos.

A terceira etapa da sequência básica é a Leitura, que por se tratar de um livro de 45 páginas, não pode ser feita em sala de aula. Mas isso não significa que não se possa começar nela. É importante lembrar que segundo Cosson (2014,p.62):“A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção , um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista” .Com esse acompanhamento, chamado de intervalo, o docente consegue sentir as dificuldades e empatia com o texto, auxiliando aos discentes de modo que não se desviem do foco. Para esta etapa, a leitura foi dividida em três momentos, tendo dois intervalos. A primeira parte da leitura foi realizada em sala de aula, páginas 1 a 5, de modo que ao serem apresentados à personagem Nininha e o Pretinho, se sentissem motivados a darem continuidade na leitura, pois nessas páginas há uma espécie de convite presente na narrativa a respeito de um segredo a ser desvendado ao lerem a

narrativa. Nessa etapa também foi realizada em 50 minutos, já que após a leitura o professor começa a indagar da turma que segredo seria esse, devendo para isso, escreverem o que este seria e guardasse em uma caixa, previamente preparada pelo professor, para ao final corroborarem se acertaram ou não.

A segunda parte da leitura (6-20) feita em casa serviu de base para o primeiro intervalo intitulado Memória Literária. Essa atividade consta de imagens relacionadas a fatos ocorridos na narrativa, devendo os discentes associarem-nas. O docente expõe as imagens num slide e vai ouvindo relatos do enredo da história narrada no livro. Para esse intervalo foram usados 50 minutos, já que não será necessário o trabalho com a escrita, nesse momento, mas sim com a oralidade.

O segundo intervalo ocorreu com a exposição do clipe da música de Gabriel , o Pensador “racismo é burrice”, disponível em [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br), para identificar características do preconceito relacionadas à música e presentes no cotidiano, após explanação oral , os meninos são convidados a confeccionarem bonecos para a apresentação de um teatro de fantoches( o material para confecção foi solicitado na aula anterior), por se tratar de debate e feitiço de bonecos, o tempo empregado foi de duas aulas. O terceiro e último intervalo, denominado *Cantando para o preconceito espantar*, teve a duração de cinquenta minutos, aqui os discentes farão uma espécie de show de talentos, pois deverão cantar as músicas do livro ou se desejarem, outras que falem sobre preconceito. Além da apresentação do texto musicado do livro, objetivou-se prepará-los para a etapa seguinte, a interpretação.

A última etapa da sequência é a interpretação, Cosson diz que a interpretação, dentro dessa perspectiva literária deve ser pensada em dois momentos: um interior e outro exterior:

O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. Já o externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela.(COSSON,2014, p.65)

Para a interpretação dessa sequência didática foi solicitado que os alunos montassem um texto teatral para fazer um teatro musical, usando os bonecos que confeccionaram no intervalo, bem como exporem mais uma vez seu talento musical. Nessa etapa, foram sugeridas algumas temáticas para os alunos, tais como:

1-Pretinho-Uma volta ao passado-Nessa montagem textual os alunos devem imaginar que o boneco Pretinho fez uma viagem no tempo, indo parar na época da escravidão .O que será que aconteceu?

2-Pretinho- Uma viagem ao futuro-Nessa proposta, Pretinho irá para o futuro. Como será a humanidade ? A discriminação foi extinta?

3-Pretinho-luta em família- A ideia dessa proposta é de que após se casar com a boneca de pano, tenham um filho que sofrerá na sociedade com o preconceito racial. O que farão para resolver esse dilema?

4-O mundo maravilhoso de Pretinho-Nessa narrativa teatral os discentes deverão especificar como é o mundo imaginário de Pretinho.

5-Outras-Os discentes ficam livres para abordarem o que desejarem na narrativa para apresentação do teatro musical com bonecos.



É importante frisar que embora tenham sido sugeridas temáticas, não foram impostas, pois corroboramos da ideia de Rildo Cosson quando diz que: “esse trabalho requer uma conduta organizada, mas sem imposições( p.66)”, o objetivo é externalização da leitura, isto é, seu registro.

### 3. Considerações finais

É imprescindível que os avanços que veem ocorrendo no mundo em vários segmentos também cheguem no trabalho com o texto literário, que este tenha novas metodologias, como a sequência didática , para estar presente nas salas de aula do Ensino Fundamental II, de forma lúdica e prazerosa. Afinal a literatura é um direito de todos, é um bem a que todos devem ter acesso, pois sendo “a literatura um instrumento poderoso de instrução e educação, ela confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo as possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO,p.175)

Faz-se mister fazer leituras e releituras, não aquelas que decodificam palavras, mas aquelas que desmistificam certezas, que são equilíbrio-desequilíbrio, e nesse processo o professor é o mediador, um dos responsáveis por trabalhar o letramento literário de modo que saia do estudo tradicional e enfadonha de periodizações literárias ou do velho discurso que textos literários são complexos. Sendo assim, devemos pensar como Todorov (2009), o texto literário deve ocupar o centro e não a periferia do processo educacional.

### Referências

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: A formação do leitor**. Alternativas Metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CADERNOS NEGROS: **Poemas afrobrasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2004, nº 25 e 7.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: \_\_\_\_\_. Vários escritos. 5ª. Ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FURTADO, Maria Cristina. **Pretinho, meu boneco querido**. 2ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

O PENSADOR, Gabriel. **Racismo é burrice**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyDvKih4Nhl&feature=youtu.be>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

TODOROV. Tzevetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução Caio Moreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina & SILVA Ezequiel Theodoro da (organizadores). **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. 5 ed. São Paulo: 2005.

# ENSINO DE LITERATURA: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA INTERDISCIPLINAR

Érica Gislene Paula Santana Revoredo Nascimento TORRES<sup>1</sup>

Maria da Piedade Silva SANTANA<sup>2</sup>

## Introdução

Esse trabalho traz uma proposta didática para o ensino de literatura em turmas do ensino fundamental maior, especificamente, para o 6º ano. A abordagem foi construída a partir da nossa experiência como docente e o trabalho com leitura nesse nível de ensino, e à luz dos estudos teóricos ofertados pela disciplina *Leitura do texto literário* do mestrado profissional em Letras, da Universidade Federal de Sergipe (Campus Ita).

No contexto apresentado, propomos uma sequência didática baseada no modelo metodológico de Rildo Cosson (2014) e na perspectiva interdisciplinar de leitura sugerida por Marisa Lajolo (2005) e Carlos Magno Gomes (2011). O texto alvo escolhido foi o conto *Entre a espada e a rosa* (1993) de Marina Colasanti, seu enredo semelhante ao de um conto de fadas aproxima os alunos pelo que é familiar, porém, quebra o horizonte de expectativas por trazer questões ideológicas de gênero construídas na estética do texto.

A leitura literária, quando norteadas por uma sequência didática, ela atinge os objetivos fundamentais para a formação do leitor, dentro de uma organização que prepara o aluno para o diálogo com o texto, como numa escalada em que os níveis levam a camadas mais elevadas no processo de compreensão. Esse planejamento, que propõe Cosson, adequa-se à situação cotidiana da sala de aula, e dá ao professor uma referência de como montar aulas que propiciem o letramento literário, “partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno” (2014, p.48).

A proposta interdisciplinar de leitura permite o diálogo entre forma artística e as vozes ideológicas do texto, com a ênfase sobre “como” esse é construído. O leitor é instigado a seguir as pistas estéticas para chegar à compreensão de mundo trazida pela literatura. “Assim, o propósito é mostrar o quanto a leitura literária pode se tornar uma leitura social quando explora os elementos estéticos e culturais de forma politizada” (GOMES, 2011, p.9).

Uma organização didática para esse fim é imprescindível, para um trabalho em sala de aula que almeje tais objetivos. Nesse prisma, traçar algumas estratégias para levar a leitura literária ao aluno e discutir sobre as perspectivas, que esse tipo de tarefa pode denotar, instigam novas ideias, acrescentando o repertório

1 Mestranda em Linguagens e Letramentos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede de Itabaiana/SE-Profletras. E-mail: [ninarevoredodo@hotmail.com](mailto:ninarevoredodo@hotmail.com)

2 Mestranda em Linguagens e Letramentos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede de Itabaiana/SE-Profletras. E-mail: [piedadesantana@hotmail.com](mailto:piedadesantana@hotmail.com)

pedagógico do professor, no processo constante de atualização de sua prática.

## 1. Fundamentação Teórica

Esse trabalho originou-se da necessidade de elaborar uma proposta didática para o ensino de literatura, com vista na formação de “leitores capazes de experimentar toda a força humanizadora da literatura” (COSSON, 2014, p.29). No entanto, para que isso se solidifique, se faz necessário ir além de uma simples leitura dos textos literários. Sobre isso, Cosson traz a assertiva de que

A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. (2014, p. 29-30)

A literatura, se bem trabalhada, é, por conseguinte, uma forma de desenvolver nos educandos um senso crítico, e mais ainda, é um meio de formar leitores questionadores e sujeitos ativos na sociedade na qual estão inseridos. Segundo Candido,

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (2011, p. 171.)

No entanto, a mera imposição de obras literárias não se apresenta como prática eficiente nesse processo e nem muito menos assegura a continuidade da leitura por parte do aluno. Nesse contexto, Bordini e Aguiar (1988) dizem que “é preciso que o hábito não seja apenas como um padrão rotineiro de respostas, automaticamente provocado e realizado. A busca frequente da literatura precisa surgir de uma atitude consciente”, a partir da vontade do leitor de desafiar o texto, com seus diversos significados. “Atividades e recursos que permitam a expansão dos conhecimentos e das habilidades intelectuais” (BORDINI & AGUIAR, 1988, p. 33), bem como uma organização didática são elementos imprescindíveis para o êxito de todo o planejamento.

Vários autores serviram, portanto, de fundamento para a proposta apresentada neste artigo. Dentre os citados anteriormente, destaca-se Rildo Cosson (2014), o qual traz considerações essenciais sobre o letramento literário, desde a teoria até a prática efetuada em sala de aula, a partir da apresentação de “possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de Literatura (...)” (COSSON, 2014, p. 48), por meio de sequências, as quais buscam sistematizar esse ensino. Assim sendo, a sequência básica, desenvolvida no trabalho, teve como aporte teórico o autor supracitado e foi desenvolvida em suas quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação, descritas brevemente a seguir. A primeira etapa tem

como objetivo primordial “preparar o aluno para entrar no texto” (COSSON, 2014, p. 57); a segunda, na qual são apresentados aos alunos o autor e sua obra, bem como sua importância naquele momento e a justificativa para a escolha; a terceira etapa, na qual o autor chama a atenção para a necessidade do “acompanhamento da leitura” (COSSON, 2014, p. 62) na proposta de letramento literário; e finalmente, a interpretação, o último passo dessa sistematização da prática pedagógica, que segundo o autor “parte do entrecimento dos enunciados, que constituem as inferências para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2014, p. 64).

O gênero literário escolhido foi o conto e o suporte teórico para esta escolha foram os autores Luiz e Ferro (2011) e Nádya Gotlib, a qual destaca que:

Toda a narrativa do conto apresenta uma sucessão de acontecimentos de interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tornam significação e se organizam em uma série temporal estruturada. (1985, p.11-12)

Dessa forma, a afirmação acima ratifica a escolha do gênero, pois, nada mais pertinente para se trabalhar na sala de aula do que algo de interesse dos alunos, que os instigue a pensar, visto que muitas das vezes, o problema em promover a leitura literária se encontra nesse aspecto: escolhas sem fundamentos, impostas apenas para a transmissão de determinado conteúdo. Ainda nessa perspectiva, Luiz e Ferro (2011) afirmam “que a objetividade da narrativa e a precisão do conflito a ser desenvolvido, confere à trama um certo dinamismo que garante a adesão do destinatário”. Além disso, a seleção se deu ainda, devido ao fato de o gênero estudado ser um relato de um episódio marcante na vida das pessoas e que revela, dessa forma, o comportamento humano, sendo assim, algo de estreita relação com os alunos. Nelly Novaes Coelho (*apud* Luiz e Ferro, p.123) define o conto como “o registro de um momento significativo na vida da personagem”.

Além desses estudiosos, Carlos Magno e Marisa Lajolo também serviram de orientação para o desenvolvimento deste trabalho, com reflexões acerca da promoção da leitura numa perspectiva interdisciplinar, associando as diversas ciências da linguagem e da comunicação. “Esta proposta pede um leitor atento aos mecanismos para uma leitura, pois na sua travessia, não só o leitor tem vez, mas o autor e o próprio texto, já que se trata de um pacto coletivo e social” (MAGNO, 2009). Segundo Lajolo (2005, p.92), “participam, em papéis, e perspectivas diferentes, todos os que, em dados contextos, interagem com o texto literário”. Assim sendo, trabalhar o texto literário nesse aspecto é possibilitar o contato com a pluralidade cultural, social e histórica.

Diante disso, toda a pesquisa deleitou-se sobre esses pontos, com vistas ao aperfeiçoamento do ensino

de literatura, e conseqüentemente, ao direcionamento do professor no tocante a uma prática preocupada com as práticas sociais. Conforme Lajolo (2005, p. 96-97), “a leitura literária escolar pode converter-se numa prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras”.

A sequência básica foi desenvolvida tendo como base “*Entre a espada e a rosa*” (1993) de Marina Colasanti, um conto de fadas atípico, em que a princesa se destaca pela sua bravura e desfaz-se da imagem de mulher submissa e frágil. Destarte, são questões sociais e culturais que são postas à discussão e a (des) construção da identidade feminina perante a sociedade. Na execução de uma atividade nessa perspectiva, “a escola ganhará, sem dúvida, uma densidade nova, ao devolver criticamente aos canais competentes – as comunidades interpretativas oficiais – a imagem de literatura que deles emana.” (LAJOLO, 2005, p. 97). Ainda nesse sentido, Carlos Magno afirma que

Opondo-se às leituras tradicionais, propomos uma prática interdisciplinar de leitura em que a interculturalidade não pode ficar de lado das interpretações contemporâneas. Assim, o propósito é mostrar o quanto a leitura literária pode se tornar uma leitura social quando explora os elementos estéticos e culturais de forma politizada. (2011, p. 9)

Embasado nessas concepções, o artigo foi organizado, como mencionado anteriormente, mediante elaboração e exposição de uma sequência básica do letramento literário no espaço escolar, conforme exemplo explicitado por Rildo Cosson (2014), a qual será, a seguir, exposta e elucidada, com seus respectivos passos e expectativas, enquanto sugestão didática.

## **2. Sequência didática**

Antes de chegar ao texto literário, é importante que o aluno seja preparado, de forma que ele sinta interesse de fazer a leitura que será proposta. O professor deve, então, ter uma justificativa para a sua indicação de forma que ela não seja apenas reflexo dos seus gostos pessoais, mas que seja condizente com os objetivos desse trabalho de letramento que envolvem o antes, o durante e o depois da leitura.

O texto de Marina Colasanti é próximo do universo do aluno do 6º ano por trazer elementos de contos de fadas que muitos deles têm conhecimento. A imagem de princesas e reis é construída no imaginário a partir dos contos clássicos infantis, muito divulgados nas escolas e nas mídias. Além do elemento da familiarização que se pretende ter com essa obra, a abordagem atenderá ao nível de criticidade do público infanto-juvenil, tendo em vista a quebra de expectativas que se dá a partir da construção textual, quando a narrativa revela-se



paródica, ao criticar os estereótipos de gênero presentes na sociedade.

Nesse trabalho, a oralidade e a escrita também têm espaços importantes e assumem, ainda, mais relevância, considerando o ensino de língua materna, que precisa da integração entre essas modalidades.

Para que a sequência sugerida seja compreendida em suas partes, faz-se necessário o conhecimento do enredo de *Entre a espada e a rosa* (COLASANTI, 2013):

Uma princesa havia sido prometida em casamento e, temendo o fato, rogou que seu corpo e sua mente lhe dessem uma solução. Ao acordar no dia seguinte, a jovem foi surpreendida, uma barba ruiva havia crescido em sua face, o que foi motivo para seu pai expulsá-la de casa. Na aldeia, a jovem tentava encontrar um trabalho para mulher, mas as pessoas achavam que ela era homem; depois, tentou um trabalho de homem, mas também lhe foi negado por ter corpo de mulher. Desse modo, a jovem trocou as joias que trazia consigo por uma espada, uma couraça, um cavalo e um elmo, com o qual resolveu esconder seu rosto para sempre, em virtude da barba que insistia em crescer mesmo quando cortada. A princesa, escondida por debaixo daquela armadura, decidiu não ser nem mais mulher, nem homem, seria um guerreiro. Andou por diversos castelos, aprendeu a manobrar as armas, lutou em diversos torneios até chegar num reino de um jovem rei, com quem travou várias batalhas, sendo seu escudeiro fiel e admirado. Por temer o crescimento dessa admiração, um dia, o rei disse que se não visse o rosto do cavaleiro, este não poderia mais viver em seu castelo e determinou 5 dias para essa revelação. A princesa, desesperada, rogou novamente para que uma solução fosse encontrada, e no dia seguinte, sua barba havia desaparecido dando lugar a rosas. Mais um dia se passou, as pétalas caíram, e assim, com seu rosto de volta, a jovem desceu as escadas do castelo usando o seu vestido cor de sangue.

Seguem, portanto, as partes da sequência didática simples, segundo Cosson (2014): motivação, introdução, leitura e interpretação.

## **2.1 Motivação: Rasgando Rótulos**

Segundo Cosson (2014), é preciso um rito de passagem até o contato com a literatura, um momento que leve a atenção do público para a leitura proposta, construindo ali discussões prévias importantes, que ajudarão na compreensão, porém, não determinarão e nem esgotarão as interpretações para o texto, visto que este não pode ser silenciado.

Para a essa primeira etapa dessa sequência, será suficiente uma aula de cinquenta minutos. É importante que a motivação não se estenda mais do que isso, para que não perca sua função original no processo. Dessa forma, estabelecer o tempo para cada atividade ajudará a manter o planejamento que segue.

1º momento (20 min) – O professor divide os alunos em grupos mistos – com meninos e meninas -, e entrega para cada um desses grupos uma imagem de um rótulo de marcas conhecidas, discutindo, brevemente, com os alunos, a função dos rótulos nos produtos. Após isso, o professor pode questionar se pessoas também usam ou poderiam usar rótulos, para em seguida, pedir que eles escrevam no verso do rótulo o que é “coisa de menino” e o que é “coisa de menina”. Ao final do tempo estabelecido, os alunos lerão suas respostas.

2º momento (10 min) – A turma assiste ao vídeo *Desigualdade de Gênero* de Ronildo Andrade (2016), disponível no canal *You Tube*, e dirá o que achou dele. Ou então, se preferir, o professor pode apresentar imagens de homens e mulheres que fogem aos estereótipos masculinos e femininos, como por exemplo: governante (mulher), bailarino (homem), piloto (mulher), cozinheiro (homem).

3º momento (20 min) – Cada grupo elabora um pequeno parágrafo de apresentação de uma personagem, que será criada por ele, a partir de uma única informação: a personagem deve ser uma princesa. Ao término do tempo estipulado, cada equipe lê sobre a personagem criada. Será discutido sobre quais características dos “rótulos” foram conservadas ou excluídas durante a elaboração.

Para concluir a aula, o professor pede para que os alunos rasguem os rótulos entregues no início, refletindo que a liberdade de uma pessoa não pode ser condicionada por moldes preestabelecidos pela sociedade.

## 2.2 Introdução e leitura

Em uma aula de cinquenta minutos, o professor pode mediar essas duas etapas da sequência. É interessante dispor as carteiras num semicírculo.

Na introdução o professor instigará a turma com uma frase popular escrita no quadro - “Nem te conto!”-, falando do sentido, a curiosidade que ela desperta no ouvinte, gerando nele a expectativa para escutar uma história. Nesse momento, o aluno saberá que ele está prestes a conhecer um conto de Marina Colasanti, para tanto, o professor deverá trazer as informações sobre esse gênero textual, explicando a relação com a oralidade e características básicas de sua forma, bem como, apresentará referências essenciais sobre a autora e os nomes de algumas de suas obras.

Para a leitura, o professor deve iniciar usando a expressividade característica de uma “contação” de história, a fim de prender a atenção de seus alunos. Como recurso para esse tipo de estratégia, o contador pode utilizar-se de alguns símbolos do conto, que quando não encontrados objetos que os representem, podem ser

facilmente confeccionados com base numa moldura de papel, a exemplo de coroa, espada e barba.

A proposta é que o professor siga com sua leitura até o trecho “Assim, de castelo em castelo, havia chegado àquele governado por um jovem Rei. E fazia algum tempo que ali estava” (COLASANTI, 2013). Dessa parte do texto em diante, é oportuno deixar que os alunos continuem com uma leitura silenciosa, porque, nessa fase da sequência, o aluno já deve ter construído uma relação com a literatura proposta, facilitando a realização dessa proposta. Esse ponto do texto marca uma mudança de expectativa com relação ao destino da protagonista, e leva o leitor a conhecer o clímax da narrativa, bem como seu desfecho.

Nesse pequeno intervalo entre a “contação” de história e a leitura silenciosa, o professor questiona, brevemente, os alunos sobre o que eles estão achando da história, se as características dessa princesa são parecidas com as das princesas criadas por eles, etc.

### **2.3 Interpretação e interdisciplinaridade**

Nessa última etapa da sequência, a interpretação, o aluno traz para a comunidade de leitores - sua própria turma, as impressões individuais da leitura realizada e, através da discussão, incorpora, a elas, sentidos marcados na construção textual, voltando o olhar para os elementos artísticos e ideológicos que significam o conto. “A leitura interdisciplinar demanda um leitor atento aos artificios do jogo narrativo para melhor desfrutar do banquete de citações culturais que todo texto literário traz” (GOMES, 2011, p.13), apurando percepções e proporcionando o diálogo crítico.

Dessa forma, nesse momento de interpretação, os alunos, em grupo, irão escrever uma continuidade para o conto *Entre a espada e a rosa*, embalados pelo caráter sugestivo do final: “Era chegado o quinto dia. A Princesa soltou os cabelos, trajou seu vestido cor de sangue. E, arrastando a cauda de veludo, desceu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo” (COLASANTI, 1993).

Ao término dessa produção, eles podem ler suas conclusões ou apresentá-las para a turma com uma pequena encenação.

Cosson destaca a importância da dinâmica que deve ocorrer após a leitura do texto, a fim de alcançar o objetivo da proposta de letramento literário na sala de aula:

Na escola, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia os horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (2014, p. 66)

Quando a turma apresenta a continuação do conto, o professor tem condições de perceber o alinhamento da interpretação feita com a literatura lida. Por exemplo, um final muito possível seria o casamento da princesa com o rei, tendo em vista a citação: “E mais ainda inquietava-se, ao sentir crescer dentro de si um sentimento novo, diferente de todos, devoção mais funda por aquele amigo do que um homem sente por um homem” (COLASANTI, 2013). Ou ainda em “Sem resposta, ou gesto, a Princesa deixou o salão, refugiando-se no seu quarto. Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva” (COLASANTI, 2013). Apesar da fuga do casamento e da ordem de seu pai, no início do conto, essas passagens mostram o sentimento que havia surgido entre os personagens, o que faria inteligível a ideia da concretização de um casamento, além de ser esse um final comum nos contos tradicionais.

Outras possibilidades, porém, surgirão ou poderão ser levantadas pelo professor. Ao considerar a aceitação do rei à nova realidade, a princesa voltaria a lhe fazer companhia nas batalhas, ou teria uma vida doméstica no castelo? Há indícios no texto que possam justificar esses caminhos?

As habilidades da princesa como guerreiro foram devidamente comprovadas por muitas comunidades por onde passou:

Em breve, não havia quem a superasse nos torneios, nem a vencesse nas batalhas. A fama da sua coragem espalhava-se por toda parte e a precedia. Já ninguém recusava seus serviços. A couraça falava mais que o nome. (COLASANTI, 2013)

Inclusive o jovem rei validou a superioridade da princesa com relação a outros cavaleiros: “Desde o dia em que a vira, parada diante do grande portão, cabeça erguida, oferecendo sua espada, ele havia demonstrado preferi-la aos outros guerreiros”. Dessa forma, haveria a possibilidade de permanência da guerreira na sequência da história, porém, as citações supracitadas deflagram que toda a avaliação positiva da bravura da moça foi possível devido ao sigilo do seu nome, de sua identidade.

Em “Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva. Nem mais a quereria como guerreiro, com seu corpo de mulher” (COLASANTI, 2013), ratifica-se o pensamento cultural baseado em estereótipos de gênero e exclui o protagonismo da mulher num contexto que simboliza força, luta, determinação e poder - o campo de batalha.

O professor deve construir esses elos no processo de interpretação, permitindo que o aluno una suas impressões a outras perspectivas para que o exercício da leitura potencialize-se. Nesse panorama interdisciplinar, chega-se ao que se refere Lajolo:

(...) a leitura literária escolar pode converter-se numa prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras. (2005, p. 96-7)

É importante considerar que o texto literário é plurissignificativo e que seu esgotamento, portanto, é uma tarefa impossível. Diante do exposto, a nossa proposta visou priorizar, entre as múltiplas vozes desse conto, aquelas que se referem às questões de gênero, para um debate com o público do 6º ano do ensino fundamental.

### **3. Conclusão**

A literatura deve ter, na sala de aula, um espaço próprio, com o propósito de letramento, porém, no Ensino Fundamental Maior, sua abordagem costuma ser evasiva, a serviço, geralmente, das aulas gramaticais ou de trabalho com leitura livre individual. É fundamental o compromisso com a literatura porque ela “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2011).

Para Bordini e Aguiar, a literatura na escola está presa em atividades “ditadas inclusive pelo próprio livro didático” (1988, p.36), aprisionadas a exercícios de interpretação, e essa ainda é a realidade em muitas aulas. A sequência didática é uma estratégia muito eficiente para o letramento literário, tendo em vista que ela traça um planejamento de etapas com objetivos específicos que convergem para o encontro do aluno com o texto.

Dentro desse contexto, o professor tem condições de explorar níveis de oralidade, leitura e escrita da turma, e dar segmento a atividades mais específicas de acordo com a necessidade. O fato é que a literatura em si traz, por meio de fabulação e poesia, linguagem viva, em atividade, que transforma, não devendo, assim, ser colocada como plano de fundo das aulas de língua materna.

A leitura na escola deve ter um propósito, que vai além do despertar o “gosto” pelo ato de ler, e a perspectiva interdisciplinar aponta caminhos para a formação de “um leitor politizado, de um leitor que é consequência de uma pedagogia inclusiva” (GOMES, 2011, p.13). Com isso, a escola será capaz de atingir a meta fundamental de conduzir pessoas para o exercício da cidadania, para a prática da liberdade, com poder de reflexão sobre o universo que lhes cerca.

Como afirma Cosson (2014), a didatização da literatura é necessária para uma organização de trabalho que garanta a eficácia dos processos de construção e ressignificação. Nenhum tipo de preparação é capaz de silenciar texto e leitor, há um nível intocável nesse contato, portanto, a mediação do professor é essencial para o letramento literário, que prepara o sujeito para o reconhecimento de múltiplos significados culturais tecidos no plano textual.



## Referências

- ANDRADE, Ronildo. *Desigualdade de Gênero*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=chjMuabW2-Q&t=2s> acesso em 21 de novembro de 2016, às 17h23.
- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: A formação do leitor**. Alternativas Metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 5ª. Ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2011.
- COLASANTI, Marina. *Entre a Espada e a Rosa*. Disponível em <http://www.marinacolasanti.com/2014/01/entre-espada-e-rosa.html> acesso em 20 de novembro de 2016, às 23h22.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- GOMES, Carlos Magno Santos. O lugar do leitor cultural. *Pontos de Interrogação*, v. 1, n. 1, p. 8-13, 2011.
- GOTLIB, Nádía Battela. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1985.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 2001. TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. De Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- SOUZA, Renata Junqueira de. FEBA Berta Lúcia Tagliari (organizadoras). **Leitura Literária na Escola: Reflexões e Propostas na Perspectiva do Letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- ZILBERMAN, Regina & SILVA Ezequiel Theodoro da (organizadores). **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. 5 ed. São Paulo: 2005.

Ana Cristina Pinto Camarão

Sirlia Sousa de Lima

## I INTRODUÇÃO

É através do diálogo que se pode educar. É através da brincadeira que se pode aprender. O objetivo é seguir os quatro pilares da educação: Fazer a criança aprender a ser aprender a conviver, aprender a fazer, aprender a conhecer o meio social com a ludicidade trabalhando a cognição, linguagem e comportamento sensório motor para extravasar suas emoções.

Se pensarmos a escola como espaço apropriado para o desenvolvimento a violência representa a própria negação da instituição escolar. Nesse sentido, violência e escola criam um encontro inimaginável. O que se entende por agressividade, é uma simples reação á frustração imposta pelo contato com o meio externo. A agressividade é um estado de espírito, não significa que seja uma característica da personalidade da criança. Mas quando casos de agressividade são causados freqüentemente pela criança pode se tornar um distúrbio emocional.

Esse artigo tem o objetivo de analisarmos a forma de como estamos educando as nossas crianças na escola e no ambiente familiar. Trabalhara agressividade da criança é moldar o caráter, ensinar o autocontrole para elas com atividades lúdicas na escola e com a conscientização dos pais educando em casa.

De acordo com os autores Papaia, Olds & Feldman(2009) os distúrbios emocionais são comuns e diagnosticados na infância com mais freqüência, transtornos de conduta que apresentam comportamento anti-social, desafiador, agressivo; e a ansiedade ou transtorno de humor de sentir-se triste, solitário. Transtornos bipolares, fobia escolar, transtorno de ansiedade, depressão infantil, fobia social. Alguns sintomas podem desaparecer com o tempo e outros não, se não tratados podem atrapalhar o futuro da criança. A falta de disponibilidade ou de condições para considerar a diversidade dos alunos pode acarretar fracasso escolar, causando assim uma deficiência ou distúrbios de personalidade na criança no sentido afetivo e social que poderão acompanhar esses indivíduos durante toda sua vida, podendo ocasionar uma exclusão social.

Neste artigo utilizamos o método de processo analítico do autor Winnicott (1896-1971), O professor em sala precisa ter diversos tipos de presença e comunicação junto ao aluno, mas sempre a partir de uma presença afetiva e não propriamente técnica, até que o espaço da brincadeira e do aprender, possam ocorrer e proporcionar o amadurecimento em direção a outros relacionamentos interpessoais, em espaço social cada vez mais amplo.

## II DEFINIÇÃO DE AGRESSÃO

Agressão é geralmente definida como qualquer ação que pretende danificar alguém ou alguma Coisa. (BEE,1984, p.290)

Muitos autores distinguem entre duas formas de agressão. A agressão instrumental que é dirigida para alcançar uma recompensa que não seja o sofrimento da outra pessoa, Exemplo: criança que toma o brinquedo da outra criança, a sua intenção foi o brinquedo e não agredir o colega. A agressão hostil tem como objetivo atacar a outra pessoa. Nas crianças de dois ou três anos, o ataque físico é a forma de agressão mais comum.

O ambiente escolar pode proporcionar as crianças fatores que contribuam para a agressividade. A criança adquire modelos, observando outras crianças e os adultos. O ambiente escolar pode propiciar fatores que contribuam para a agressividade, sim, se essa questão não é trabalhada pela gestão, pelos professores. As crianças são de contextos culturais diferentes. Trazem na bagagem de casa comportamentos diferentes e na escola ao se relacionar encontram dificuldades, suas vontades não são sempre atendidas. Na escola há regras a ser seguido o que muitas vezes não há em suas casas, o que ocasiona o descontentamento surgindo vários questionamentos que envolvem diferentes personalidades e para a integração do grupo em sala de aula muitas vezes acontece o stress.

### **III FRUSTAÇÃO**

A criança nasce com uma conexão entre frustração e agressão e ocasionalmente quando ela é frustrada, acaba mostrando alguma forma de agressão. Só educando e amando para combater agressividade da criança, É importante deixar claro para ela o que é correto ou não. Saber respeitar os valores sociais e morais, para que possa construir e elaborar conhecimentos sobre a realidade.

Nesse contexto, podemos observar que a escola visa à formação cidadã do sujeito fazendo-o capaz de criticar, reivindicar, comprometer-se, participar e a educação é um processo contínuo que envolve o desenvolvimento integral do ser humano.

### **IV – FATORES QUE INFLUENCIAM O COMPORTAMENTO INFANTIL**

O primeiro contato com o mundo que a criança tem é com a família antes do contato da criança com a escola. A família deve intervir e informar a criança sobre a importância e dos momentos bons que ela pode ter com a escola.

O primeiro contato social que a criança tem é com a família, neste espaço antes de ir para a escola ,a família deve orientar sobre as regras do convívio social.É importante que os pais despertem a curiosidade da criança sobre outros ambientes fora da sua casa,longe da presença dos pais,para que eles possam interagir com os coleguinhas de maneira saudável e tranqüila.

A escola é o universo onde se pretende que a criança trabalhe tenha um comportamento sociável. É importante na construção do desenvolvimento de socialização da criança com a participação dos pais na construção do desenvolvimento da coletividade, da tolerância e frustração, da resolução de conflitos. Trabalhando com a ludicidade percebemos a criança experimentando as emoções e as novas experiências de relacionar-se com o outro. **É um momento que deve ser apreciado pelos pais e professores.**

### **V – CONCEPÇÃO MEDIADORA**

Para que caso de agressividade não seja uma constante no espaço escolar é necessário trabalhar com projetos

de medidas socioeducativas.

Durante o ano letivo, a cada semana a criança poderá ter uma rotina diferenciada para distribuir sua energia e assim ocorrer uma integração prazerosa entre todos.

Pode-se trabalhar o Dia da Leitura com temas família, amizade, respeito, agressividade, preservação do meio ambiente, zelo com o livro didático, dentre outros; Dia da Música, com danas, brincadeiras, técnicas de relaxamento, aulas ilustrativas; Dia da Educação Física, momento onde elas possam extravasar suas energias trabalhando com atividades motoras melhorando sua desenvoltura e com isso promovendo a sociabilidade e despertando o prazer da vida saudável, praticando esportes.; Dia da saúde, esclarecendo sobre a boa higienização, a boa alimentação e a autoestima.

São temas interdisciplinares que ajudam a criança associar e a sair da rotina de sala de aula que muitas vezes não contribui para o bom desempenho dos alunos por ser uma aula repetitiva, sem graça e cansativa, onde o professor se torna apenas num ditador.

**É importante se trabalhar com uma proposta educativa adequada** a faixa etária, os educadores precisam desenvolver a capacidade de observação e reflexão sobre sua prática, alimentadas por informações teóricas para conhecer a criança que vai trabalhar.

## **VI-CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Mediante as reflexões realizadas a cerca do comportamento agressivo no espaço educacional, a luz dos fundamentos de alguns teóricos, deixam claro que o devemos valorizar um trabalho coletivo com todas as crianças para entender melhor as manifestações agressivas nesta fase escolar. A socialização desempenha um papel fundamental na vida de uma criança, por isso é necessário investigar o comportamento da criança, para podermos contribuir de forma satisfatória com seu social e intelectual.

## **VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.**

BRASIL. **Lei nº8.069.de julho de 1990.** Dispões sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

BOSCATTO, Juliano D. **Educação infantil e interlocução de saberes.** Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd152/sociologia-a-partir-dos-jogos.htm>>. Acesso em:11/2011

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

**OLIVEIRA, Eunice Eichelberger de. PIAGET, Vygotsky e Winnicott: relação com jogo infantil e sua aplicação na área da psicopedagogia. 2006.** Disponível em:< <http://www.abpp.com.br/artigos/61.htm>>. Acesso em: 07 dez 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

ACLIAR, Moacyr. Um País Chamado Infância. Porto Alegre, Sulina, 1989.





Coqueirinho  
foto Christina

# Ensaio



## REFLEXÃO NO ENTORNO DE UMA LIBERDADE DE PENSAMENTO

Por Rita Samuel Bezerra.

“Se você leva embora meus demônios, estará levando também meus anjos”.

Richard Hycner.

Utilizo essa frase como o ponto de partida para nutrir algumas de minhas ideias, frente à vontade de escrever, assim fazer germinar possibilidades de interação entre eu e um interlocutor/ leitor desse registro. Nesse sentido, estipulo, pois, algumas das minhas intenções que se apresentam ainda que estas sejam entre eu e o teclado, o papel e uma caneta; aliás, tem sido assim meus momentos mais reservados.

Num exercício constante de busca por uma melhor qualidade de vida e a partir do exercício constante de autorreflexão para me tornar um tanto mais tolerante diante da realidade em que vivo me permito fazer essa reflexão.

Assim, me encontro, a revisar e repensar momentos, fases de minha vida sejam eles importantes ou não, alegres ou tristes, com derrotas ou vitórias e assim buscar os ajustes necessários visando aprender mais, para melhor compreender os fatos e acontecimentos vivenciados no meu cotidiano.

Nesta perspectiva, as inventivas de situações são necessárias, podem inclusive me favorecer um equilíbrio entre eu (Rita), enquanto ser parte e pertencente a um meio sócio e ambientalmente cultural.

Para tanto, recorro a um instrumento de extrema importância, a imaginação aliada à concreitude de minhas ações, - a arte de fantasiar, entretanto, vivenciar e realizar sonhos. Percebo que é tempo de sonhar! Penso: sonhos que acionam vibração de entendimento, de aproximação e de cuidados com o meu corpo, minha mente e com o meio sociocultural no entorno em que convivo, os cuidados com as crianças, também fazem parte desse repertório, os cuidados com a natureza, assim celebrar e brindar à vida. A vida das crianças da qual sou defensora.

O meu foco de atuação profissional tem se voltado para o bem estar das crianças atuantes nas instituições de Educação Infantil. A minha participação nos FÒRUMS de Educação Infantil me remete a isso. A minha luta é constante para que elas tenham voz e vez e tenham seus direitos garantidos e efetivados, tenham ainda, seus sonhos concretizados, que sua imaginação sejam estimuladas, que nessa etapa tão importantes de suas vidas, sejam proporcionados a elas oportunidades diversas de desenvolvimento como forma de efetivação de direitos que a elas, são inerentes. Que todas tenham oportunidade de viver a infância dignamente em realidades distintas, sem sofrer nenhum tipo de violação de seus direitos, que todas sejam respeitadas sem distinção de cor, raça, etnia ou classe econômica, etc. portanto, como todas merecem.

Neste contexto, sinto-me fazendo ainda que mínimo em relação às melhorias no campo das políticas públicas para a concretização de uma educação infantil pública gratuita, laica, in-

clusiva e de qualidade para as crianças do Brasil, frente as irregularidades oriundas do nosso sistema capitalista posto pela sociedade e suas respectivas demandas psicossociais, um papel que considero de uma relevância crucial, o qual se configura a partir de minha história de vida, aliado e entrelaçado a função de professora que sou.

Posto isso, considero como essencial as relações humanas que a meu ver precisa está, nos processos de interação, comunicação e nos desejos de expressar, intenções, ideias mediante o trabalho em equipe. Então considero as reais histórias de vida de cada um/a, existentes desde nascimento. Busco com isso, uma compreensão no sentido de que antes de qualquer profissão, somos pessoas.

Assim me vejo, cuidando e educando pessoas, transformando pensamentos, cuidando de almas, de vidas, da natureza, cuidando de minhas emoções também, visto que no plano mental a fertilidade de ideias e imaginação encontra-se fluindo satisfatoriamente, o que faz concretizar sonhos, sonhos que se transformam em realidades, que por conseguinte me fazem feliz.

Neste contexto, os sonhos são como um livro para mim, e especialmente agora, mais do que nunca eu penso em refazer sonhos, “é chegado a hora a de dialogar comigo mesma, rezar forte, conversar com Deus. Aquele Deus que sempre encontro dentro de mim”, esse diálogo gira em torno do bem querer do bem que desejo as pessoas que eu amo. daquelas que eu gosto e que fazem-me sentir bem quando estou perto. Por exemplo, minha família, do grupo de professores, das crianças – alunos dos “meus” professores, dos familiares das crianças – alunos “meus” e assim por diante.

Para tanto, tenho considerado muito a profissão, o meu trabalho, algumas amadas partes principais de meu convívio social, tenho ainda, canalizado minhas energias para os exercícios físicos procurando ser feliz e fazer também, pessoas mais felizes. Eu penso que isso é o que traz sentido pra minha vida. Canalizo minhas energias vitais pra isso. Esses fazeres têm me mantido atuante sem maiores problemas. O desapego ao materialismo das coisas é um dos maiores desafios, que tenho enfrentado nos últimos tempos conforme tenho refletido e vivido, isso é para mim, extremamente difícil dado o contexto social em que vivo, a própria natureza do período em nasci, talvez. Eu penso: Taurina de personalidade forte carrego essa carga tão só minha, desde da mais terna idade. Tenho refletido acerca de um relativo apego que tenho às coisas, e a determinadas pessoas, parece, às vezes querer ser mais forte do que eu.

Eu gostaria, enfim, de me libertar dessa relativa “possessividade que as vezes quer me tomar conta. Graças ao poder da autorreflexão já é possível perceber claramente, que devo sempre exercitar o poder de flexibilidade. Isso tenho feito, assim, por um fim em questões inexplicáveis - por paixões, e até amores platônicos e infortunado, aqueles causadores de dores infinitas que cortam, a alma, que iludem. Aqueles que criam expectativas desleais, marcam sem nunca ter se quer existido concretamente.

Numa espécie de processo de antevisão de futuro e analisando algumas situações vivenciadas frente à realização de sonhos, de amores, de vida juntas, de natureza em sintonia. Volto me situar firme de forma a perceber que não devo perder o foco com vistas no quero realizar.

Frente a tudo isto, costumo dizer que eu morro e renasço a cada dia, assim como a fênix que

se renova para a vida surpreendentemente.

No atual momento, o que mais importa para mim é os sentimentos inapagáveis, dado sua vivacidade mutante em constante transformação trazendo a tona mudanças inexplicáveis, talvez até assustadora quando analisado do ponto de vista psicológico, sociológico e também filosófico, do ponto de vista do desapego, da liberdade, da tomada de consciência para uma convivência equilibrada.

Humm! Quão grande é a dificuldade de harmonizar e desenvolver essa tão sonhada competência para desenvolver esse tal equilíbrio! **Como** adquirir harmonizar-me nessa grande selva de pedra em que vivo? Se de vez enquanto sinto-me como os animais numa cadeia alimentar, onde uns se alimentam de outros, matam seguramente para sobreviver prevalecendo o mais ágil o mais forte...

Posto isso, diferente das lembranças que podem, mesmo por quaisquer razões se esvaírem de minhas memórias, tornando sem vida ou até insignificantes, não posso afirmar que tais lembranças se tornem insignificantes eu diria que elas, se juntas aos sentimentos se tornariam adormecidas dentro do meu coração, trazendo muitas vezes respostas até então nunca obtidas.

Numa perspectiva ainda mais ousada eu diria que parte dessas respostas estão nítidas no meu caminhar, na forma como percebo as coisas visto que estou renascendo pra vida, me redescobrimo enquanto pessoa, mulher... a “duras penas.” Percebo grandes mudanças.

Segundo Sandra Patrícia Ataíde Ferreira (2003, P. 549)

Este processo de tomada de consciência exige uma atividade extremamente laboriosa por parte do sujeito. Trata-se de uma reconstrução tão difícil, que o sujeito encara o objeto a ser incorporado como algo totalmente desconhecido, sendo, portanto, tratado como uma assimilação excepcionalmente nova. Esta tomada de consciência pode ser simples e sem conflito, dependendo das coordenações exigidas, mas, por outro lado, pode gerar conflito e necessitar da correção de um esquema anteriormente construído

Considerando o presente e o que virá no futuro, me vejo no momento atual, numa plenitude até então nunca vivida quase que absoluta, talvez, de entendimento humano, considerando cicatrizes de feridas que sangram absurdamente. Hoje para mim, são apenas cicatrizes, saliento ainda, que tais cicatrizes são oriundas e representativas de “demônios” que me fortaleceram enquanto me conduziam ao abismo, ai sugeriram anjos que me proporcionaram respostas contrárias ao que eles, os demônios queriam.

Entretanto, uma das respostas criadas por mim, é que as coisas boas da vida refletem ao meu lado anjo, que sempre se sobressai, prevalecendo a fé, força, coragem. Porém sem ter demônios não vou ter os meus anjinhos para me proteger frente as adversidades. E assim me vejo em diferentes ocasiões fazendo o seguinte questionamento: Sou anjo? Ou Sou demônio? Sem uma resposta pronta eu diria: a conduta adotada por mim dependerá da situação vivenciada e com quem e como vou perceber o momento, frente às circunstâncias que a vida me impõe.

De toda forma, prefiro ser anjo, contudo, se as circunstâncias favorecem apenas para que eu

seja também demônio deixarei os meus demônios criarem vida.

Até porque a vida é assim constituída de tudo um pouco, e para que ela seja plena se faz necessário ser anjo e demônio... Momentos tranquilos, momentos de inquietudes. A felicidade foi sempre num bate e volta, dando expectativas às vezes reais desleais de sucessos que tardam a chegar. Há momentos de firmeza de segurança total. De vez enquanto me sinto, meio que a deriva, a mercê do tempo, sem a devida autoconfiança.

Vivendo numa busca constante para a efetivação do autoconhecimento me transformo gradativamente, às vezes oscilando, por entre anjos ou e demônios. Rs rs...

Como devo agir diante de tal questionamento?

Todavia, As coisas que acontece no dia-a-dia que percorro me leva a perceber que viver plenamente não é tarefa fácil, com isso me pego de vez enquanto por querer só a parte boa de quase tudo, aquela que me convém, aquela que proporciona o prazer; o que pode gerar uma ansiedade perigosa de querer o possível e o impossível. Ao me perceber assim nesse estágio, Penso; Ops! Assim não, isso só vai me trazer respostas contrárias à superação e as adversidades impostas pela própria vida.

Neste contexto, essa ideia de querer tudo ao mesmo tempo a principio pode mesmo parecer bem interessante. Mas no processo ou no desenrolar da vida percebe-se que não é assim que as coisas funcionam. Num exercício constante de autoanálise e reflexão descubro que essa forma de conduta, de pensamento é inadequada para a convivência nos grupos sociais, na família, na escola, na sociedade. Não é assim que a natureza funciona. O que é vivo precisa essencialmente da adversidade, da superação. O crescimento é filho da aprendizagem. E para que haja lição de vida se faz necessária a existência da dor.

Quando se percebe a tomada de consciência do real e junto a ela, a complexidade é possível que se pense no paradigma da própria complexidade a partir delas surge as novas visões, concepções, descobertas e reflexões baseadas na crítica e na autocrítica do conhecimento dito renovado.

Piaget (1967) diz que todo equilíbrio entre assimilação e acomodação é chamado de adaptação, e, a esta capacidade dá-se o nome de inteligência. A passagem de um conhecimento mais simples para um mais complexo consiste na transformação ou reestruturação da capacidade assimiladora com a qual o sujeito poderá assimilar conceitos mais complexos.

Nesta perspectiva, o desejo de eliminar o que me causa dor, ou seja, aquilo que me parece dolorido e angustiante devo estar então capacitada para enfrentar a inevitável perda do que poderia se transformar no maior tesouro em todo o meu percurso aqui neste plano; a concretude da harmonia entre o “eu” ser ecológico e a própria natureza.

Posto que os momentos na vida se transformam, e se definem de maneira continuada, frente ao passado, ao presente e ao futuro de tal forma, se constituindo no que pode ser hoje amor, que será amanhã dúvida, depois será mágoa, depois será saudade. Em outro dia qualquer, voltará a ser amor, mais uma vez... Possivelmente com maior intensidade até então nunca vivida.

Assim constituído no amor próprio, amor pelo outro, desejando reviver sentimentos reno-

vados! Construído de lágrimas, sorrisos, atitudes que contribuam para que haja história pra contar.

Que haja vida pra brotar e amor pra recomeçar.

Mudando as maneiras de expressar vontades e desejos e indo a frente é possível encontrar o que mais se deseja o encontro da felicidade sem aos poucos negligenciar direitos de outrem.

É possível ainda, perceber que nós seres humanos precisamos construir gradativamente um repertório de estratégias visando às melhorias para a vida.

Além de algumas antes mencionadas em registros anteriores, por exemplo, ver a vida com bons olhos, desejar tudo de bom para as pessoas, pensar positivo, comer uma alimentação saudável, praticar meditação e exercícios físicos regularmente.

Hoje nesse registro eu venho falar em linhas gerais de uma simples e imbatível estratégia que diz respeito a duas palavrinhas mágicas – duas formas de perguntar quando se quer saber sobre algo ou alguma coisa relacionada a alguém, diante de uma situação problema.

As perguntas com características e soluções distintas são as seguintes: baseada em leituras realizadas: **“por quê” e “como”**. A primeira pode se constituir numa ótima pergunta, para quando se atua num contexto dialético e filosófico ou para quando quer ser um filósofo.

Não “Por que as coisas são como são”, mas “Como que eu posso mudar as coisas para melhor viver...?”

No entanto, para que eu obtenha resultados concretos se faz necessário à pergunta adequada que é simplesmente “como”. Ou seja, quando eu quero obter “resultados”, quando as coisas precisam acontecer verdadeiramente, ai sim, eu utilizo para elaborar a pergunta a segunda palavra – “como” o resultado surge diferente. Agindo e pensando nessa perspectiva, sigo perguntando “Como que eu posso... (como posso mudar ou transformar aquele ambiente? Como faço para formar ideias sentimentos? Como agir diante de determinadas pessoas?, como posso me sentir melhor? como devo agir diante de difíceis situações? Como fazer para ter aquela coisa legal, etc.)...?”

Eu comecei pensando, “que eu só posso criticar algo ou alguém quando para cada critica eu apresente uma sugestão ou uma respectiva solução. Como que eu posso mudar coisas pequenas na minha vida”?

Conforme as práticas desenvolvidas frente as minhas atitudes, é possível que eu tenha obtido avanços significativos comecei com as pequenas questões...ousando e questionando acerca de questões extremamente complexas.

Todavia de vez quando me percebo cansada e frustrada, quando estou resignada e jogo a toalha, é aí que os “porquês” começam...

Você já reparou que quando alguém fica frustrado com outra pessoa, a primeira pergunta que surge inconscientemente é “Por que é que você não fala mais comigo? ” ou “Por que você está agindo assim?”, refletindo certas situações sobre isso que escrevo agora, eu tenho a consciência do poder dessas duas palavras.



Quando estamos prontos para operar mudanças e manifestar grandes coisas, nós começamos a nos perguntar “Como”.

As perguntas “Como” freiam o ciclo vicioso de pensamentos negativos. Desta forma, imediatamente a sua mente escolhe um novo caminho... Um caminho que leva a soluções... Eu sei e lamento que algumas pessoas não acreditem nesta estratégia, possivelmente pensam ela é simples demais... Eu diria para tais pessoas que o poder dessa estratégia está justamente na sua simplicidade. Simplicidade que nos leva a grandes complexidades Rs, rs...

Afirmo, pois, que tenho me surpreendido com alguns resultados, frente as situações problemas vivenciados por mim, nestes últimos tempos... hoje a minha atenção se volta para o “como” posso acelerar as respostas às minhas perguntas é tudo que mais quero.

Inspirada no lado mais prático da vida, tenho utilizado, muito a palavra como faço para obter o “sucesso” desejado? ...

Jamais deixarei de realizar os sonhos que eu sei que posso realizar. Eu penso que às vezes preciso brigar para poder ter paz, choro para poder sorrir, fecho os olhos pra ver melhor. Amo para poder viver e Vivo para poder amar. É assim como tenho vivido o dia-a-dia.

Para melhor viver, faço de cada coisa um momento, de tudo um pouco para que enfim, possa driblar as demandas. Corro muito para ver tudo que quero, acontecer. Há coisas que não consigo isso é obvio, no entanto cada dia pra mim se constitui um milagre divino.

Vivo cada dia intensamente, cada momento é único e faz nascerem muitos outros momentos, que vivo intensamente, saberei que haverá dias subsequentes que viverei intensamente, contudo, quando ele chegar. Evito muito, sofrer ou viver por antecipação.

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a13.pdf> acessado em 08 de agosto de 2014.

FREIRE, P. Conscientização : teoria e prática da libertação : uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo : Ed. Centauro, 3ª ed., 2005





Caatinga  
foto Christina Ramalho

# Contos



## MACABÉA E A LÂMPADA MÁGICA

Ellen Oliveira

Macabéa estava no mundo da lua. Andava cheia de graça! Parecia lua cheia sorrindo para os enamorados. Há pouco tempo saía de uma consulta com Madame Carlota, uma cartomante que leu sua sorte enchendo-a da esperança de um namorado em um futuro feliz e não tão distante.

No entanto, Macabéa tinha o pensamento distante: na profecia que a deixava cheia de uma ingênua e esperançosa felicidade, tanto que já nem pensava na decepção que seu ex-namorado Olímpico de Jesus causara trocando-a por sua melhor amiga, Glória.

Cheia de graça, a retirante nordestina seguia seu destino a passos lentos e distraídos na calçada das ruas do Rio de Janeiro como quem flutuava em nuvens. Andava sem olhar para os lados. Estava bem próximo de atravessar a rua quando escorregou e caiu estatelada e em cheio, dando com a cara no chão. Por ser tão raquítica sentiu a pancada doer em todo o seu frágil corpinho. Tentava, com dificuldades, se equilibrar e levantar dali, quando avistou na calçada uma lâmpada envelhecida com aparência de antiguidade. Pensou ser algum cacareco velho que alguém se desfez. Continuou no chão, conformada. Pegou a lâmpada. Ficou olhando-a com carinho, lembrando-se de uma velha chaleira que pertencia a sua falecida tia quando moravam em Alagoas. Pobre mania de pobre, essa de sentir saudades de uma pobreza mais ou menos igual.

Admirando o objeto que parecia familiar, percebeu que estava empoeirada e começou a acaricia-la com uma lenta nostalgia. De repente a lâmpada começou a flutuar e dela saiu um raio de luz tão intenso que era quase impossível contemplá-lo a olho nu. Macabéa levantou-se do chão acompanhando a subida da lâmpada, e imaginou na hora que fosse uma estrela... Não é de estranhar que, com tamanha ingenuidade, Macabéa acreditasse que alguém pusera dentro da lâmpada uma estrela, mas logo a luz foi diminuindo e no meio da intensa claridade surgiu uma linda mulher.

A pobre moça ficou paralisada! Parecia estar diante de um fantasma! Quanto mais a mulher da lâmpada se aproximava dela, mais a luz se dissipava deixando apenas o brilho intenso do olhar e de sua beleza. Macabéa a fitava boquiaberta, com grande admiração e espanto. Até que criou coragem e gaguejou algumas palavras:

- O que a senhora estava fazendo dentro dessa lâmpada, dona? – Perguntou à mulher misteriosa, que

mesmo a fitando com pena por ela aparentar ser tão sem nada, que respondeu aliviada e grata pelo favor que a jovem fizera:

- Você me libertou de uma prisão de mais de trezentos anos, mocinha. Muito obrigada! Sou muitíssimo grata a você!

- A senhora estava dentro da lâmpada?

- Sim, estava!

- Como o gênio Aladim do livro que eu li uma vez quando era criança?

- Sim, como ele!

- Então é verdade que gênios existem!

- Como pode ver: sim!

- Mas eu achava que os gênios fossem homens e a senhora é uma mulher... Então existem gênias?

- Existe sim! E como existe! O problema é que muitas pessoas não gostam de dar o braço a torcer e admitir que conquistaram seus sonhos por causa de uma mulher... Você sabe dos três pedidos não?

- Três pedidos... Há os três pedidos! – Disse a moça recordando a história de *Aladim*.

- Sim, mocinha. A senhorita, por ter me libertado dessa prisão, terá direito a três pedidos. Um simbolizando cada século que fiquei aprisionada. Há, e a propósito, pode me chamar de Clarice.

- Tudo bem dona Clarice! A senhora é muito bonita parece uma artista de revista...

- Obrigada... – Percebendo que o nome da jovem era desconhecido para ela, indagou: - Hum... Você não me disse seu nome mocinha! Tá querendo continuar anônima é?

- Não dona Clarice! – Respondeu ela imaginando que ser anônima é algo pecaminoso, depois continuou:

- Meu nome é Macabéa!

- Maca, o quê? – Perguntou com certo estranhamento.

- Béa...Por que será que todo mundo fica assim quando falo meu nome?

- Por que será hein?! Bem Macabéa, como dizia, você terá direito a fazer três pedidos... – Estava a explicar quando a pobre moça interrompeu demonstrando sua lerdice de raciocínio:

- Eu vou poder fazer três pedidos?

- Pode, mas antes deixa eu te explicar como funciona: para cada pedido feito haverá um sacrifício que deverá ser cumprido por você. Caso se recuse a cumprir, o pedido será desfeito e a senhorita perderá o direito aos outros pedidos. E se por ventura o sacrifício recusado ou ignorado refira-se ao último pedido, será tirada a sua vida e a de quem você ama.

- Haaaa... – murmurava a jovem com ar de espanto e muito confusa com a explicação, que para ela pareceu ser ciência - E Clarice continuou:

- Há, mais uma coisa: uma vez feito o pedido não pode voltar atrás e fazer outro. Isso não será permitido em hipótese alguma! Por esse motivo sugiro que pense e repense muito bem antes de pedir algo, e só peça quando estiver certa de que aquele é um desejo que valerá a penas um sacrifício.

- Haaaaa.... Quer dizer que vou ter que fazer um sacrifício? – Perguntou a jovem assobrada, como se nunca houvesse feito sacrifício algum na sua sacrificada vida. O problema, coitada, é que ela nem se deu conta que a sua vida já nasceu sacrificada. Clarice continuou a explicação:

- Essas regras são novas, e foram criadas para que as pessoas dessem mais valor às coisas conquistadas, entende?

Macabéa não estava atenta ao que a gênica falava, novamente estava viajando no mundo da lua. Clarice, estalando os dedos em frente à face da jovem que parecia hipnotizada e distante dali, falou: - Acorda Macabéa! Tá na hora!

- Tá na hora de que dona Clarice? – Disse Macabéa assustada e eufórica, com a mão no coração.

- Calma! Está na hora de você fazer seu primeiro pedido. – Vendo que Macabéa respondia com espanto e silêncio, continuou: - Qual será seu primeiro pedido?

Naquele momento Macabéa sentiu-se pressionada a pedir algo, mas não sabia o quê... lembrou de seu ex-namorado Olímpico e tentava imaginar o que ele pediria... Então ela disse:

- Eu quero ser rica! – Disse Macabéa orgulhosa pelo pedido que fizera, imaginando que Olímpico ficaria admirado por sua esperteza.

- Realizarei seu pedido, mas para isso você terá que comprar um bilhete de loteria e com muita fé deverá apostar acreditando que irá ganhar. Entendeu?



- Sim, dona Clarice! Jogar na loteria com fé... – Dizia ela repetindo como quem quisesse gravar as palavras na memória para não serem esquecidas. Clarice confirma:

- Sim, com fé! Você sabe o que é fé, Macabéa?

- Sei sim dona Clarice! A minha tia me ensinou... “*a fé é a certeza de coisas que se esperam e convicção de fatos que não se vê*”. – Dizia a moça com a mão no coração como se estivesse declamando uma oração.

- Exatamente! – Dizia Clarice compadecida daquela nordestina que parecia não ter nada, mas tinha fé embora não sabia bem em quê.

- Eu vou jogar dona Clarice! Vou jogar com muita fé!

- Muito bem! Depois que o primeiro pedido se realizar você volta a esfregar a lâmpada para fazer com que eu apareça novamente e você possa fazer seu segundo pedido, combinado?

- Combinado, dona Clarice. Muito combinado! – Disse Macabéa pensativa e séria.

À noite, diante da televisão, Macabéa ficou paralisada e perplexa ao ver que havia sido sorteado na loteria e que seria rica. Depois, passado alguns instantes, olhou para os lados para constatar que estava só e foi pegar a lâmpada mágica em sua escrivaninha. Agia como criança tímida e acanhada que acabara de fazer alguma travessura e que agora temia a bronca que receberia dos pais. Murmurava para si “Eu ganhei na loteria, eu ganhei na loteria”. Balbuciava essas palavras em seu pensamento como quem confessa um crime ou um pecado, ao invés de felicidade, sentia-se culpada pela sorte que tivera. Lembrou-se do que sua tia sempre falava quando ela lhe pedia algum trocado para comprar doce: “o dinheiro é a raiz de todos os males”. Sentindo uma imensa necessidade de contar a alguém, como se precisasse se confessar para obter o perdão divino. Ela esfrega a lâmpada mágica fazendo Clarice aparecer novamente:

- Dona Clarice, dona Clarice... – dizia a jovem sussurrando como que temesse ser ouvida, e continuou – Eu ganhei na loteria! Bem que a senhora falou! Eu ganhei mesmo!

- É claro que você ganhou! Esse não foi seu desejo?

- Foi sim, dona Clarice!

- Então! Você pediu e eu realizei!

- Como a senhora fez isso?

- É segredo! Não vou contar!

- Tá bom! Tudo bem! Não precisa me contar nada dona Clarice...

- Qual é o seu segundo pedido?

- Meu segundo pedido?

- Sim, Macabéa! Seu segundo pedido! Já esqueceu que são três?

- Haaaa ... é mesmo, dona Clarice! É mesmo!

- Então?! Estou esperando?!

- Esperando o que?

- Esperando você fazer seu segundo pedido!

- Haaaaa.... – Dessa vez Macabéa pensou, pensou, e pensava tanto que até se esquecia sobre o que estava pensando. A moça levava a história mais a sério que antes, pois o primeiro pedido já havia se realizado. Clarice notando a dúvida da moça tentou ajudá-la:

- Pense Macabéa! O que você mais quer ganhar agora, exatamente nessa hora? É só você pedir...

Macabéa teve um impulso que a fez levantar da cadeira com um sorriso amarelo estampado em sua cara também amarelada: - Já sei o que vou pedir dona Clarice!

- Então peça!

- Eu quero um namorado!

-Hum... Realizarei seu pedido, Macabéa! – Ouvindo Clarice falar com tanta certeza, a moça deu um sorriso de orelha a orelha que logo se desfez com as palavras seguidas das que anunciaram a promessa: - Você terá um namorado, mas antes você precisará perdoar uma pessoa.

- Perdoar uma pessoa, mas quem? A ingenuidade de Macabéa não a deixava ver quem precisava de seu perdão, ou quem ela devia perdoar. Calada e pensativa, ouvia Clarice falar: - Não se preocupe. A pessoa que você terá que perdoar virá atrás de você, pedirá o seu perdão e você terá que a perdoar, entendeu?

- Sim, dona Clarice! Entendi! Eu vou perdoar essa pessoa sim! – Respondia Macabéa sem ao menos ter ideia de quem seria a pessoa e do que ela deveria ser perdoada.

- Ótimo! Infelizmente é assim mesmo que tem que ser!

Séria e sem compreender a última frase que a gênica disse, perguntou: - Não entendi! Infelizmente porque, dona Clarice?

- É difícil de explicar Macabéa... Há pessoas que não merecem ser perdoadas, mas temos que perdoá-las assim mesmo para termos paz de espírito, compreende?

- Sim, dona Clarice! Compreendo! Eu gosto de perdoar as pessoas! Minha tia dizia sempre que devemos perdoar uns aos outros como Jesus nos perdoou...

- Devemos, Macabéa! Devemos! Bom... Vou voltar para a lâmpada. Assim que o segundo pedido se realizar você me chama de novo.

- A senhora vai ficar na lâmpada?

- Sim! E para me chamar é só esfregar ela...

- É eu já aprendi como se faz, dona Clarice!

No dia seguinte todos já sabiam que Macabéa havia sido a ganhadora da loteria, e se tornado milionária inclusive Glória e Olímpico. Este, assim que soube da notícia conseguiu uns trocados emprestados e comprou um urso de pelúcia e um buquê de flores para dar a Macabéa. O rapaz saiu voando ao encontro da pobre moça rica, parecia não querer perder o avião que o conduziria à felicidade e ao mundo ao qual sempre ambicionara.

Macabéa estava recolhendo suas coisas do quarto em que morava, pois havia acabado de chegar do banco em que recebera seu dinheiro ganho na loteria. Ela estava acompanhada de Glória, que fizera plantão logo cedo na casa da moça assim que soube da sorte que a infeliz tivera. Foi ela quem aconselhou Macabéa a comprar um apartamento em Copacabana e mudar-se para lá. Estava ainda a orientar a moça quando escutaram umas batidas na porta. Macabéa foi ver quem a procurava. Estava feliz, pois não costumava receber visitas. Ao abrir a porta sentiu-se envergonhadamente feliz ao ver que era Olímpico que a procurava pedindo perdão e querendo reatar o namoro. Na hora, a jovem lembrou-se do que Clarice havia dito: “Você deve perdoar uma pessoa”, e assim ela o fez. Encarou Olímpico com seriedade e dramatizou as suas palavras de perdão: - Eu te perdoou, Olímpico!

O rapaz ouvia aquelas palavras com os olhos arregalados e um sorriso estampado na face, estava tomado por sentimento misto de grandeza e felicidade. Olímpico quis ter certeza de que havia marcado o gol, perguntou: - Então estamos namorando de novo?

A ingenuidade falou por Macabéa: - Sim, Olímpico! Estamos namorando.

- Oi, Olímpico! Bom dia! Vem fazer alguma coisa que preste. Por que não nos ajuda a carregar as coisas... – Disse Glória, fazendo-se notada por Olímpico:

- Que coisas?

- Essas aqui nessa caixa! Disse apontando para a pequena caixa de papelão onde estava o rádio relógio e poucos objetos pessoais de Macabéa, pois ela não tinha muita coisa.

Olímpico, enchendo-se de heroísmo disse à namorada: - Macabéa, deixe que eu leve suas coisas! Você é uma dama e não pode pegar peso! Deixe isso comigo, que sou cabra macho! Aliás, a partir de hoje você não precisa se preocupar com mais nada, pois eu cuidarei de tudo. – Estava a falar quando foi interrompido por Glória: - Também cuidarei de você amiga, não deixarei que nenhum malandro a engane...- As palavras foram ditas acompanhadas com um olhar ameaçador direcionado para Olímpico, que a fitava com desconfiança. Enquanto isso, Macabéa ria terna e inocentemente.

Enquanto Olímpico e Glória cuidava da mudança de Macabéa, a moça lembrou-se da lâmpada mágica e foi contemplá-la em sua escrivaninha. Por sorte não havia ido junto com sua bagagem, talvez porque Glória não imaginasse que o objeto fosse de Macabéa. Ao esfregar a lâmpada viu novamente a aparição de Clarice, que lhe perguntou: - Está pronta para fazer o terceiro pedido?

A nordestina estava tão feliz que se sentia uma estrela, alguém que tem a atenção de outras pessoas, foi quando ela lembrou que seu grande sonho que era ser *Marilyn Moroe*... então ela ousou fazer o pedido:

- Dona Clarice, eu quero ser bonita como a *Marilyn Moroe* – Disse a moça com desconfiança e intenso brilho no olhar.

- Hum, entendo! - Disse Clarice – Não sei por que, mas sabia que me pediria isso desde a primeira vez que bati os olhos em você. Só não entendo que demorou tanto! – Clarice pensava e deduzira que Macabéa sempre chegava atrasada na vida, até para fazer o pedido atrasou seu maior sonho, por pouco não perdeu a hora. Voltando a si continuou: - Tudo bem. Realizarei seu pedido, mas o sacrifício será a metamorfose da borboleta...

- Como assim, dona Clarice? A senhora vai me transformar em uma borboleta? – Dizia a pobre moça com espanto e até uma pontinha de alegria, pois a ideia não lhe parecia ruim, achava até bonita.

- Deixa-me explicar melhor: você terá seu pedido realizado, mas terá que se contentar em ser lagarta, no sentido figurado, ou seja, feia por mais seis dias. Passado esse tempo, e no sétimo dia, você será transformada

na *Marilyn Moroe* – Para Macabéa aquilo parecia um sonho, ouvia tudo com espanto, alegria e admiração. Clarice continuou: – Você será tão bela quanto a *Marilyn Moroe*, porém, a sua beleza durará apenas um dia, no final desse dia você morrerá igual uma borboleta.

Macabéa parece não ter sido afetada pela última sentença que Clarice havia estabelecido para o cumprimento do desejo, não conseguia parar de pensar que ficaria linda igual a estrela de cinema que tanto admirava. Ao contrário, aquelas palavras soaram-lhe como a mais bela e doce poesia de cordel. Não é novidade que ela sempre sonhara ser uma *Marilyn Moroe* da vida. Agora, diante da possibilidade de sê-la sentia uma estranha e nova felicidade de realização que nunca conhecera em sua trágica vida. Era um sentimento novo, que não sentira com a realização dos dois primeiros pedidos. Clarice notando que a jovem estava no mundo da lua, novamente estala os dedos em frente à face da moça para fazê-la acordar para a realidade, e pergunta: - Você concorda com o que eu propus Macabéa?

- Concordo sim dona Clarice...

Clarice olhava aquela moça e sua doida ingenuidade, depois continuou: - Há, e só para finalizar, quando chegar a sua hora...

- Que hora, dona Clarice? – Perguntou a moça interrompendo.

- A hora de sua morte, Macabéa!

- Haaaaa.... Minha tia dizia que quando uma pessoa morre ela vira uma estrela lá no céu. – Disse ela com alegria e espanto, apontando o indicador direito para o céu.

- É provável! Bem, como dizia, assim que se passar o dia e chegar a hora de sua morte você me chamará pela última vez...

- Para quê, dona Clarice? Para eu fazer outro pedido?

- Não Macabéa, para que eu possa me despedir de você. Entendeu?

- Sim, dona Clarice! Eu entendi. Eu quero muito me despedir da senhora. A senhora é muito boa! – Disse Macabéa com um sorriso terno cheio de emoção, e com os olhinhos lacrimejando.

- Até logo, Macabéa! – Disse Clarice, tentando manter-se firme para não lacrimejar piegas.

- Até, dona Clarice! Até!

Durante os seis dias que se passaram Macabéa continuou com seu cotidiano que já não era mais o



mesmo. Olímpico estava satisfeito ao lado de Macabéa, principalmente porque ela não dizia não a nenhum de seus caprichos, ao contrário, quando Olímpico pedia algo ela dizia sim com um sorriso ingênuo de felicidade. Em pouco tempo Olímpico, graças à fortuna de Macabéa, só andava engravatado e com o cabelo cheio de gel. Conseguia transitar entre os políticos e já fazia planos para lançar sua candidatura como deputado estadual da Paraíba. Estava tão confiante que já havia feito o discurso de posse, e fazia questão de ensaiá-lo todos os dias diante da namorada, que sempre o aplaudia.

Um dia, Macabéa sentiu um mal-estar e foi acompanhada por Glória ao médico. Aliás, Glória nos últimos dias se tornou mais que sua melhor amiga: sua irmã inseparável! Por ser mais esperta suspeitou de uma possível gravidez, deixando Macabéa fantasiada com a ideia de ter um bebezinho. Ela também aconselhou Macabéa a não contar para Olímpico, para fazer surpresa. No consultório, a moça foi atendida pelo mesmo médico que diagnosticou sua tuberculose dias atrás, e este disse que o mal estar era consequência da doença e não de gravidez, pois acreditava que Macabéa fosse estéril. Ao ouvir a suspeita do médico, disse a moça: Tudo bem, doutor! Não tem problema! – Pobre Macabéa, acreditou tanto na gravidez que até esquecera que ainda era virgem. – O médico solicitou alguns exames e dispensou as duas. Exames esses que não tinham importância, devido ao atrasado e eminente destino da jovem alagoana.

Às vezes Macabéa esquecia que era rica e almoçava cachorro-quente com coca-cola, mas quando estava na companhia de Olímpico e Glória eles a levavam aos melhores e mais caros restaurantes do Rio de Janeiro. Adoravam esbanjar e Macabéa achava tudo muito engraçado, e se emocionava à toa crendo que os dois eram muito bons com ela.

Os dias passaram rápido, e a cada dia Macabéa ria e se maravilhava com a presença de Olímpico e Glória, estava tão feliz que às vezes até gargalhava loucamente por horas como quem estivesse vivendo em um circo, como ela nunca estivera em um, talvez fosse daquele jeito que ela imaginava que fosse. Talvez a pobre estivesse enlouquecendo, mas não havia tempo para descobrir.

No sétimo dia, foi dito e certo! Quando se olhou no espelho Macabéa teve um baita susto. Ela estava linda, igual à *Marilyn Moroe*. Coitada! Ficou em choque e começou a gargalhar descontroladamente, e gargalhou ainda mais quando notou que a sua gargalhada era a mesma que antes, só que agora parecia que havia possuído o corpo da *Marilyn Moroe*. De fato: a mudança era externa. Por dentro Macabéa continuava igualzinha.

Diante do espelho não havia nem sinal dos “panos” que manchavam seu rosto, antes amarelado, agora alvo e sedoso. Não se cansava de pentear e alisar seus cabelos que mais pareciam fios de ouro. Estava a se olhar e se admirar quando teve uma ideia súbita: como nunca havia se olhado nua, teve vontade ou curiosidade

em se ver naquele momento.

Ficou ensaiando por alguns momentos como tiraria a roupa. Sentia-se tomada por muito pudor, mas a curiosidade falava mais alto. Decidiu que tiraria peça por peça: começando pela blusa, depois a saia, depois o sutiã e por último a calcinha. Cada parte que despia, era uma louca gargalhada.

Já totalmente despida, começou a acariciar seu corpo escultural dotado de uma beleza tão delicada e ousada, totalmente o inverso de si mesma. Ficou horas se admirando, explorando cada canto como quem explora o novo terreno conquistado. Por um momento aproximou-se do espelho e beijou os lábios de seu reflexo no espelho. Passou o dia inteiro à contemplação de si mesma. Quando veio a noite, deitou-se na cama e sentiu o toque de seus dedos mais ousados e na sua intimidade adormeceu.

Quando acordou, sentiu-se fraca. Estava terminando o seu dia de beleza! Lembrou-se de pegar a lâmpada ao lado de sua cama, e chamou Clarice: -! Dona Clarice! Tá vendo! Eu fiquei igual à *Marilyn Moroe*. – Disse a pobre moça dando com muito esforço a sua última gargalhada.

Clarice a olhava com compaixão e ternura e dizia: - Macabéa, sabemos bem que “*as coisas acontecem antes de acontecer*”...

- Como assim, dona Clarice? – Dizia Macabéa mais debilitada que de costume. Talvez fosse a chegada de sua hora.

Clarice volta a falar: - Essa história começou pelo fim. Talvez algum dia a comece pelo começo, ou talvez eu descubra que o começo nunca começou por que ele sempre esteve lá!

- Não entendo Dona Clarice!

- Sabe Macabéa, agora que estou livre quero recomeçar minha vida: ter uma casa, um lar... Talvez eu seja uma escritora!

- A senhora, dona Clarice?

- Sim, eu! E porque não?

- Eu nunca conheci uma escritora, mas já vi muitas moças bonitas como a senhora nas capas das revistas... Uma vez li um livro “*Alice no país das maravilhas*”, só que o escritor era um homem.

- Graças a você Macabéa agora estou livre! Livre para quem sabe ser uma escritora! Quanto ao seu destino, ele já estava traçado! A sua hora já havia chegado, e você chegou atrasada para os braços da morte.

Eu não pude salvá-la, pois você já havia morrido bem antes de morrer.

Ouvindo àquelas palavras Macabéa deu seus últimos suspiros pondo um fim ao melodrama que foi a sua vida: - Não tem problema, Dona Clarice! Valeu a pena!

- Não tem problema! – Disse Clarice vendo-a desfalecer com a mesma inocência com qual nascera.

Despediu-se da jovem com um beijo na face, deixando-a morta em sua cama como uma bela adormecida.

Pisando firme saiu dali pela porta da frente.



Gruta Rei do Mato  
foto Christina Ramalho

# Crônicas



## CRÔNICA: A tinta, o caderno e a dádiva

Ítalo de Melo Ramalho

*Para d. Terezinha Alves de Melo Ramalho*

Ao nascer, Deus perguntou-me: “O que queres?”. Sem pestanejar, respondi: “O chão!”. Ele sorriu maliciosamente como um jogador de baralho em blefe, e percebeu que eu era igual às outras sementes: sempre à espera da canastra real. Sendo assim, retalhou e me entregou um pedaço raso de couro de carneiro medindo 19,04 por 19,74 centímetros, e disse: “Taí o seu caderno! Borda letras com fios do próprio sangue, derramando-o na geografia áspera da celulose!”.

Uma sensação estranha ferveu nas minhas vísceras. Fiquei atônito com aquela possível liberdade de desfiar o meu rosário de penas no infinito mundo mágico do cartear. Ora! Que liberdade seria essa se ao menos não posso querer permanecer ou, sendo mais astuto, prolongar a permanência até desaparecer no espaço como uma nuvem silenciosa que trafega para o abismo do éter? Ou será que eu poderia escolher sumir de maneira abrupta como o concreto que evapora das mãos ilusionistas do crupiê? Definitivamente estava no cárcere perpétuo das dúvidas!

Não havia o que fazer! Peguei o meu caderno e saí aos pinotes pelo labirinto das hostilidades. Saltando pedra em pedra! Escalando serra a serra! Submergindo vala a vala! As cortinas que se abriram e se abrem são as mesmas que se fecharam e se fecham. Os teatros e as suas encenações existem aos montes e sempre existirão! E eu mesmo ainda não tinha me dado conta de que o meu palco já se iluminara há tempos. Hoje, às vésperas dos quarenta e três anos, vejo fachada, nave e cúpula precisando de cuidados clínicos.

É, o tempo caminha parelho com as formas e, principalmente, com as substâncias. E falando dessa última em específico, lembro da magistral diretora que soube conduzir o elenco uno do meu mundo, com instantes de doce de leite e vestes de cambraia bordada; e outros com cenas de sola de couro e borracha da amazônia.

Tinha um zelo dedicado à minha simplória personagem sem máscaras. Ensinou-a a soprar os primeiros “ais”. Foi muleta quando era necessário equilibrar a carne no trapézio, e é corpo quando sustenta nos braços finos o peso de cinco arrobas. Foi mestra quando a palma da sua mão engolia o dorso da minha e guiava o preenchimento caligráfico do couro escolar. Foi e é algodão quando os lábios tocam a fotografia sustentada na



parede. E é falível quando diz que a saudade corrói lentamente a esperança, mas nem por isso deixará de vibrar o êxtase do encontro que vivo em desatada sangria.

Minha diretora ensina-me que um mais um são dois. E que dois são trilhões de possibilidades algorítmicas, que extrapolam o quadro aritmético e assentam a poeira do surto na comunhão dos olhos e dos oceanos que encerramos em nós.

Assim, temperando o meu caderno com tinta e dádiva, a diretora também me ensinou, ensina e ensinará sempre, a temperar o lúdico do inesperado com a lógica do cartesianismo no jogo das cartas. Sigo construindo os meus seguidos e já conto com uma jangada real de paus na mesa. Foi com essa canastra que encontrei o meu casebre realista de grandes novidades e o meu imenso castelo de futilidades!

10.IV.2017



Pouso  
foto Christina Ramalho

# Cordéis

O TEMPO QUE VIVEMOS  
EM NOSSA SOCIEDADE  
MUDOU IMENSAMENTE  
O RUMO DA HUMANIDADE  
JÁ NÃO PODEMOS PREVER  
A NOSSA POSTERIDADE

BAUMAN PERCEBEU  
O QUE ESTAVA ACONTECENDO  
FICOU PREOCUPADO  
SOBRE O TEMA ESCREVENDO  
A MODERNIDADE SE DILUI  
ESTÁ SE DISSOLVENDO

AS CRIANÇAS JÁ NÃO BRINCAM  
COM OS AMIGOS NO QUINTAL  
PESSOAS NÃO PERDEM TEMPO  
LENDO UM LIVRO OU JORNAL  
SE FOR BLOG DE FOFOCAS  
SERÁ PREFERENCIAL

AS FAMÍLIAS MUDARAM  
O CONCEITO DE UNIÃO  
VIVEM TELEGUIADOS  
VENDO NA TELEVISÃO  
CONCEITOS FABRICADOS  
COM FINS DE ALIENAÇÃO

CASAIS NÃO DIALOGAM  
SEM TEMPO PARA CONVIVER  
PROMOVER HORAS ROMÂNTICAS  
E MOMENTOS DE LAZER  
ISTO TUDO FRAGILIZA  
NÃO DEMORAM A ROMPER

O AMOR TAMBÉM É LÍQUIDO  
E JÁ NÃO DURA MAIS  
WHATSAPP ACABA  
O AMOR DE MUITOS CASAIS  
VÃO FLAGRANDO OS RECADOS  
PELAS REDES SOCIAIS

AS CRIANÇAS VÃO PERDENDO  
SEUS REFERENCIAIS  
A INSTITUIÇÃO FAMÍLIA  
CUJAS BASES SÃO OS PAIS  
AS RELAÇÕES SÃO LÍQUIDAS  
TRAZEM PERDAS SOCIAIS

BAUMAN TEVE UM INSTALO  
UMA GRANDE SACADA  
SUA BRILHANTE TESE  
FORA CONSOLIDADA  
NO CONCEITO DE LIQUIDEZ  
SOCIEDADE MERGULHADA

NA SOCIEDADE ATUAL  
TUDO É DESCARTÁVEL  
SOMENTE PELO CONSUMO  
DE UM BEM AGRADÁVEL  
MESMO SEM TER DINHEIRO  
EM SITUAÇÃO INSTÁVEL

A MODERNIDADE LÍQUIDA  
PRIMAZIA DO QUERER  
IDENTIDADE EM CRISE  
UMA BUSCA DO PRAZER  
PELO VÍCIO DE COMPRAR  
E AOS OUTROS QUERER SER

A INCERTEZA QUE VIVEMOS  
GERA INSEGURANÇA  
DISPUTA DESLEAL  
PERDA DE ESPERANÇA  
DESEMPREGO E MISÉRIA  
SEM PREVISÃO DE BONANÇA

OS ATORES SOCIAIS  
VIVEM SEM EXPECTATIVAS  
VÃO INTERNALIZANDO  
AS NOTÍCIAS NEGATIVAS  
E AS JANELAS TRAUMÁTICAS  
SÃO AS JUSTIFICATIVAS



PESSOAS VIVEM TRISTES  
NÃO TÊM MOTIVAÇÃO  
COM SÍNDROME DO PÂNICO  
DENFINHANDO EM SOLIDÃO  
SEM FALAR NO MAL DO SÉCULO  
QUE É A DEPRESSÃO

O TEMPO DAS INCERTEZAS  
GERA MOTIVAÇÃO  
E OS DETENTORES DO PODER  
FAZEM ARGUIÇÃO  
DE FORMA PRECARIZADA  
FAZEM A TERCEIRIZAÇÃO

NOSSA SOCIEDADE  
ESTÁ FRAGMENTADA  
SEM PROJETAR O FUTURO  
SEM TER TEMPO PARA NADA  
A VIDA EM EPISÓDIOS  
ESTÁ SENDO DEMARCADA

TEMPOS LÍQUIDOS NÃO TRAZEM  
NENHUMA ESTABILIDADE  
DESFAZ CONQUISTAS  
FEITAS PELA SOCIEDADE  
A QUEDA DA CLT  
UM PACOTE DE MALDADE

NESTES TEMPOS LÍQUIDOS  
A QUEM VAMOS RECORRER?  
FICAREMOS IDOSOS  
SEM AMPARO PARA VIVER  
O ESTADO DAVA O MÍNIMO  
E AINDA QUER RETROCEDER

NA SOCIEDADE LÍQUIDA  
ME PERMITAM CONCORDAR  
HÁ UMA DISPARIDADE  
BALMAM A NOS RETRATAR  
NO MEIO JURÍDICO  
TEMOS QUE ANALISAR

ELE QUESTIONA A VIDA  
NÃO EM SENTIDO LÍRICO  
OBSERVAÇÃO E VIVÊNCIA  
COM VALOR EMPÍRICO  
AS DISPARIDADES QUE OCORREM  
EM NOSSO MEIO JURÍDICO

ANALISA A POSTURA  
DE DETERMINADOS JURISTAS  
CONSTRANGENDO OS RÉUS  
DURANTE AS ENTREVISTAS  
ÀS VEZES EM PROCESSOS  
COBRAM PARA DAR VISTAS

BAUMAN SE REFERE

SOMENTE A DISPARIDADE  
NA EXISTÊNCIA DAS LEIS  
E DE SUA APLICABILIDADE  
SERÁ MERA REPETIÇÃO  
DOS TRIBUNAIS EM VERDADE?

BAUMAN NOS REVELA  
OS PERIGOS DA DEMOCRACIA  
PODER E POLÍTICA  
PERDEM A SUPREMACIA  
A LIQUIDEZ DO DIVÓRCIO  
DA ANTIGA PARCERIA

NESTES TEMPOS LÍQUIDOS  
ESTAMOS A REVER  
TUDO DESACREDITADO  
VENDO TUDO SE PERDER  
A VOLTA DO AUTORITARISMO  
E ABUSO DE PODER

HOJE SENTENÇAS LÍQUIDAS  
PERPASSAM OS TRIBUNAIS  
LEIS ULTRAPASSADAS  
QUE NÃO NOS SERVEM MAIS  
É PRECISO UMA MUDANÇA  
EM NOSSAS LEIS PENAIAS

ENFRENTAMOS UMA CRISE  
EM NOSSA IDENTIDADE

TUDO ENTRA EM DESUSO  
COM MUITA FACILIDADE  
SÃO MUITOS EUS BUSCANDO  
UM LUGAR NA SOCIEDADE

JOVENS NESTA BUSCA  
SEDUZEM-SE PELO OUVIDO  
E PELA INTERNET  
ENTRAM EM SEITAS SEM SENTIDO  
TENTANDO BUSCAR UM ELO  
QUE HÁ MUITO FORA PERDIDO

NO MUNDO GLOBALIZADO  
PERDEMOS A LIBERDADE  
TUDO VIRA UM TALK SHOW  
PALCO ARMADO, SOCIEDADE  
PARA DISCUTIR ASSUNTOS  
DE NOSSA PRIVACIDADE

NOSSA SOCIEDADE É FRIA  
TEMOS POUCO AFETO  
NÃO SAIMOS PARA CONVERSAR  
NUM PROGRAMA PREDILETO  
AMIGOS DO FACEBOOK  
SE EU NÃO GOSTO, DELETO

FALTA A VIDA HUMANA  
ÉTICA E AFETIVIDADE  
É GRANDE A DISPUTA

PELA INDIVIDUALIDADE  
O EU FALA MAIS ALTO  
DO QUE A COLETIVIDADE

AGREDIMOS O PLANETA  
DE FORMA IRREVERSÍVEL  
A PREVISÃO DE FUTURO  
É INCERTA, TERRÍVEL  
MARIANA É UM EXEMPLO  
DA AMBIÇÃO INVENCÍVEL

BAUMAN NOS ALERTA  
QUE VIVEMOS EM REDE  
AQUI OU NA MALÁSIA  
ESTAMOS CONTRA PAREDE  
POUCOS COM MUITA RENDA  
OUTROS COM FOME E SEDE

BAUMAN O PENSADOR  
MARCOU O SÉCULO VINTE  
SOCIÓLOGO DE VALOR  
FILÓSOFO DE REQUINTE  
DESTE AUTOR CONTEMPORÂNEO  
SOU LEITORA E OUVINTE



## O LIXO NAS RUAS TRAZ MALES À POPULAÇÃO

O lixo, ao longo dos anos,  
Em todo o globo terrestre,  
Seja no alto Sertão,  
Seja no Monte Everest,  
Cresceu e, junto com ele,  
O problema que o reveste.

O seu volume varia  
Tal como a composição  
Dependendo do consumo  
E métodos de produção,  
Mas seu destino correto  
É a grande preocupação.

Nos últimos trinta anos  
A taxa de produção  
De lixo sólido gerado  
Tem direta ligação  
Com os hábitos de consumo  
De dada população.

Matéria orgânica disposta  
De forma desordenada,  
Apodrece e se transforma  
Numa mistura pesada  
Complexa que poderá  
Ser da morte encarregada.

Um outro grande problema  
É a contaminação  
Dos rios, riachos, lagos,  
Que se deve à migração  
Do líquido percolado  
Causador de infecção.

Sacolas plásticas, papéis,  
Vidros jogados na rua  
Onde a coleta não passa,  
É onde o mosquito atua  
E atinge sempre o mais fraco.  
É a verdade nua e crua.

Resíduos acumulados,  
Quando a chuva cai pesada,  
Entope os escoamentos,  
Deixa a rua enlameada,  
Derruba as casas mais frágeis,  
Causa transtorno e maçada.

Roedores proliferam  
Nos esgotos da cidade  
Onde o aumento do lixo  
Traz para si, na verdade,  
A proteção, o alimento,  
E indestrutibilidade.

A solução do problema  
Também depende de nós:  
Rejeitando o que faz mal,  
Agindo e soltando a voz  
Mostrando o que está errado  
Sem drama, sem quiproquós.

É de grande relevância  
O assunto. Consciência  
Tem-se que ter sobre isso  
E agir com competência  
Buscando o bem para todos  
Com bom tino e com decência.

Às vezes uma açõzinha  
Mostra colaboração:  
Um papel, uma latinha  
Vazia que trago à mão,  
Não os jogando na rua,  
Faz a diferenciação.

Pensando no bem-estar,  
Em qualidade de vida  
Pra nós e pros nossos filhos,  
Da melhor forma devida,  
Mudando o comportamento  
A luta será vencida.

Rosa Regis



Rosa  
foto Christina Ramalho

# Poesias

## O rio

### I

Vinda de águas amnióticas,  
sobrevivente  
em águas leitosas  
de um amor único,  
que perdi sem compreender,  
submersa em lágrimas  
no rio de saudades,  
nas margens  
que me seguraram,  
permaneci.

### II

Nadei em marolas  
de um rio calmo,  
entre esperanças e sargaços,  
mas,  
acreditando nas encostas,  
emerjo sempre  
para o rio inaugural,  
água-fênix  
do meu ser.

**Ailezz**



Ilustração de Rosângela Trajano



## CRIANÇA

No céu da boca  
Fios açucarados  
Doce algodão

Gilvânia Machado.

## **Queria abraçar a lua**

Queria abraçar a lua  
do fundo do meu quintal,  
fazer com que o vento  
levasse todo o mal.  
Queria beijar o sol  
do cimo do telhado,  
cobrir o céu de estrelas  
vindas de todo o lado.  
Queria escrever um dia  
versos e prosa de poeta  
inundar o meu quarto  
deixando a porta aberta.  
Queria vestir minh'alma  
de um belo fato preto  
e dizer a toda a gente  
que de escrever (eu) só prometo.

*Poemas - "retalhos" de uma vida*

Carla Sofia Pinto Geirinhas

**Alicui Ignotissimus**  
**(completamente desconhecido)**

São teus cabelos ondas  
teu odor a brisa do mar  
o teu sorriso brilhando  
transporta a beleza ao olhar.  
O calor do teu desejo  
e a ânsia de me encontrar  
são para mim  
num fogo beijo  
todo o meu naufrágio.  
Atravesso-te hesitando  
sobre as tuas longas margens  
entrego todo meu ser  
às forças da corrente  
vagueando para sempre  
na tua imagem  
triunfante  
e abandono confiante  
o teu glorioso  
símbolo possante  
serás para sempre  
imortal  
no teu célebre oscilar  
com teu plácido caminhar  
farás todos os barcos  
naufragar.

*Poemas - “retalhos” de uma vida*  
Carla Sofia Pinto Geirinhas

## **Caminhada**

Caminhámos a dois  
nas sombras  
daquela estrada  
manchada  
de pedra e sal  
de lágrimas  
(Oh Portugal!)  
molhada  
fraquejando  
tombada  
ergues-me  
beijas-me  
soltando lamentos  
de esforço  
quão tormento  
ambos chegámos  
no bom momento.

*Poemas - “retalhos” de uma vida*

Carla Sofia Pinto Geirinhas

## **Olhando o mar**

Olhando o mar  
sorrindo  
vi teus lábios  
murmurando  
vagas palavras  
levadas p'las ondas  
logo perdi  
meus ameaçadores  
beijos  
cálidos  
tentadores  
momentos p'los tempos  
enlaçados  
em idades  
de tenros pensamentos  
nunca mais  
olhei o mar  
em ti perdida  
naufragar.

*Poemas - “retalhos” de uma vida*

Carla Sofia Pinto Geirinhas

## **Vai menina**

Vai menina  
deixa tua pena  
chorar  
lágrimas de cor  
bocejos de mar  
vai menina  
deixa o tempo  
acontecer  
molhados papéis  
tinta ao mar  
vai menina  
deixa a lua  
beijar  
teu rosto acariciar  
jamais desamar  
vai menina  
deixa o coração  
gritar  
versos soltos  
para nunca olvidar.

*Poemas - “retalhos” de uma vida*

Carla Sofia Pinto Geirinhas



## **Queria beijar a flor**

Queria beijar a flor  
que a Primavera oferece,  
queria sentir amor  
que em teu corpo floresce,  
queria poder abraçar  
quem a mim m'abraçou,  
queria saber amar  
quem nunca m'abandonou,  
queria sentir um dia  
que o vento me despertasse,  
queria fugir da agonia  
que a imagem cegasse,  
queria fingir alegria  
que o Inverno me calasse...  
Mas o Inverno não calou  
aquela alegria fingida  
da vaga cega imagem  
pelo vento despertou  
a lenta cálida voragem  
de quem longe amou  
numa Primavera beijou.

*Poemas - "retalhos" de uma vida*

Carla Sofia Pinto Geirinhas

O ser

O amar

Sem número

Sem gênero

Sem desejo

Sem mortificação

Sem ambição

Somente amar

O outro

As correntes algemavam as frias mãos.

Foi o bastante...

Fechou os olhos  
e alma transbordou

livre

e solitária

para outro mundo.

O mundo de que as mãos necessitavam?

livre... livre... livre...

Que animal é o ser humano?

**Ilda Rezende**

## VEREDAS

Tateio entre as brumas  
da escuridão.  
Sinto o cheiro da imensidão.  
Fecho os olhos.  
Vejo o invisível,  
Escuto o silêncio.  
Vagueio, levito...  
Respiro levemente.  
O que vim buscar?  
Ainda não encontrei.  
Essencial...

Alzenir Araújo.



Florestas  
Floridas  
Fazem  
Fadas  
Fofas  
Figurarem  
Fotografando  
Filosoficamente  
Formosas  
Fontes  
Fugazes  
Formidáveis...

Alzenir Araujo

## Cidade brilhante

(Ana Moura)

Ao nascer e ao se pôr  
Nada é tão belo quanto você...  
Irradia os meus dias  
Trazendo também alegrias!  
Se estou na praia me inundas  
Com teus primeiros raios  
Num pungente amanhecer.  
Ao findar do dia cores  
Os céus sem desvanecer  
Os momentos do dia  
Em que estive a me banhar  
E usufruir do teu poder.  
Minha mente insiste  
Em lembrar momentos  
Alegres e tristes,  
Em que o astro rei  
Da cidade, noiva do sol,  
Foi ponto de encontros  
E desencontros  
Ao nascer e pôr do sol.



## **INDIFERENÇA**

Entre o medo da solidão,  
O silêncio e a indiferença.

Melhor seria nada,  
Nada tivesse existido

Só assim...

O recomeçar seria

Menos doloroso

Feito de perdão,

Renuncia...

E quiçá de esperança!

**Clécia Santos**

## **Menino**

Menino descalço  
Com roupa rasgada  
Andando na rua  
Sem medo de nada

Menino astuto  
Grandão e gorducho

Menino marrudo  
Que brinca de tudo  
Não quer fazer nada  
Com tudo se assusta

Menino maluco  
Sem graça e sem luxo.

Cleide Paiva

## Utensílios do artesanato das palavras

Eliete Marry

O poeta precisa da solidão para fluir inspiração.

Tintas para dá vida as palavras presas em suas mãos.

Folhas de papel ou guardanapo rascunhando um fato...

A cena

Um caso

O papo.

O importante é versar o poema.

Uma música tocante

Uma garça cantora

A revolta de um instante

Uma musa inspiradora.

Tudo isto se faz tema para a gestação de um poema.

Liberdade da alma...

Leve feito a tênue brisa  
Das tardes de primavera  
Que na calma do fim do dia  
Vem despedir-se das flores  
É assim que sinto minha alma

Livre feito os pássaros  
A explorarem com alegria  
A grandeza do seu habitat  
Fazendo seu singelo ninho  
Em qualquer lugar que desejar  
É assim que vive a minha alma

Persistente feito os rios  
Que vão abrindo caminhos  
Contornando e enfrentando  
Os obstáculos encontrados  
É assim que minha alma  
Me ordena pra seguir  
E não importa as barreiras  
Tenho forças pra escalá-las

Veloz feito beija-flor  
Voando com tanto amor  
Minha alma assim se sente  
E na liberdade dos voos

Não pode prender-se

A uma flor...  
Ainda que esta flor  
Seja a mais bela das flores!

Livre... Infinitamente livre!  
Liberta de qualquer algema da vida  
É assim que minha alma quer ser  
Mas entende que liberdade  
É algemasse ao amor...

\*\*\*

Maria de Fátima Alves de Carvalho

Poetisa da Caatinga  
Natal, 22.10.2008

## **SORRISO: ALIMENTO DAS RUGAS**

No frigir dos ovos

Rugas não são só dos vovôs e das vovós

Rugas é do ser gente

Que é feliz e contente!

A origem das rugas

Vem do seu alimento

É a velhice que abriga

Mas, é do sorriso que vem o sustento!

Fátima Gonçalves

## A MENINA QUE ESCREVE

Mel é uma menininha  
Que adora escrever  
Ela escreve tanta coisa...  
Que dá gosto de se ver!

Ela escreve sobre o jardim  
Ela escreve sobre a flor  
Ela escreve tanta coisa...  
Tudo com bastante amor!

Ela escreve sobre o rio  
Ela escreve sobre o mar  
Ela escreve tanta coisa...  
Que dá gosto a gente olhar!

Ela escreve sobre as árvores  
Ela escreve sobre os passarinhos  
Ela escreve tanta coisa...  
Ela escreve com carinho!

Ela escreve sobre a lua  
Ela escreve sobre as estrelas



Ela escreve tanta coisa...

Seus escritos é uma beleza!

Ela escreve sobre a vida

E como devemos nos comportar

A Mel é uma menina inteligente

Nela quero me espelhar!

Fatuca Silva

# Nada me leva de ti!

Flávia Arruda

O coração sorri, a boca dilata, os olhos cerram... Tudo me traz você!  
Adormeço na distração de pensar em ti, acordo com a lembrança dos  
teus sorrisos e graças.

Nada me leva de ti!

Flutuo em tua direção, busco em teus devaneios meus encontros,  
mergulho em fantasias e delírios.  
Acho-me nas profundezas das tuas inquietudes, acalmamo-nos nos  
enlaces das almas.

Nada me leva de ti!

Abafam-se os silêncios dos desejos saciados, das frases “inditas”, dos  
sonhos realizados.  
O sempre se eterniza nos teus instantes de comunhão com meus ais, nos  
tempos de gritos e silêncios.

Nada me leva de ti!

## **A\_COR\_DAR**

**Cabelos ao vento  
Bandanas coloridas  
Fios ancestrais**

---

## **A\_MOR\_TE**

**Olhos outonais  
Flerte fugaz  
Instantes colados na memória**

---

## **VITRAIS**

**Cortantes palavras**

**Cacos colados**

**Em silencioso altar**

**Gilvânia Machado**

## VERSO IMPOSSÍVEL

Hoje, quero ser  
mais poeta  
do que ontem.

E amanhã  
mais poeta serei.

Por isso, tenho olhos  
de ternura  
a buscar o verso  
impossível  
que me dás de presente  
a cada sorriso teu.

(José de Castro)

## TAÇA DE CRISTAL

Numa taça de cristal  
Bebo versos de poesia  
E o mistério e o encanto  
Que nascem a cada dia  
Bebo o sol e bebo estrela  
Bebo lua e madrugada  
Bebo orvalho e o sereno  
E o canto da passarada  
Que anunciam novo dia  
Bebo a tua lembrança  
Vendo a foto a me sorrir  
Então pego nova taça  
Solitário, ergo um brinde  
À saudade que me abraça.

(José de Castro)

José de Castro, jornalista, escritor, poeta. Autor de livros infantis. Membro da SPVA/RN e da UBE/RN. Autor dos livros de poemas "Apenas palavras" e "Quando chover estrelas." Contato: [josedecastro9@gmail.com](mailto:josedecastro9@gmail.com)





## **Menino resfriado**

O menino resfriado  
Usava um lençinho  
Feito de pano  
Para limpar o narizinho.

O menino resfriado  
Tossia bastante  
Do narizinho escorria  
Coriza constante.

O menino resfriado  
Espirrava de montão  
Estava febril  
Tomava suco de limão.

Rosângela Trajano



Velho Chico - Piranhas/AL

foto Christina Ramalho

# Expediente

## Expediente

Revista Barbante  
Ano V - Nº 19 - 23 de junho de 2017  
ISSN 2238-1414

Editoras  
Rosângela Trajano  
Christina Ramalho

Revisão  
Dos autores

Conselho editorial  
Filipe Couto  
Rosa Regis  
Sylvia Cyntrão

Ilustrações desta edição  
Rosângela Trajano

Imagens  
Christina Ramalho

Os textos assinados são de inteira responsabilidade  
dos autores.





*Cuidemos do meio ambiente!*

